

Quando o
GEPPEMCI
vai ao museu

Organizadora:
Cristina Carvalho



Pedro & João
editores

Cristina Carvalho
(Organizadora)

**QUANDO O GEPEMCI VAI
AO MUSEU**

Cristina Carvalho
(Organizadora)

**QUANDO O GEPEMCI VAI
AO MUSEU**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Cristina Carvalho [Org.]

Quando o GEPEMCI vai ao museu. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
119p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-7993-938-9 [Digital]

1. Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância - GEPEMCI. 2. Museu. 3. Educação Infantil. 4. Artefatos mediadores. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Sumário

Apresentação	7
1. Reflexões sobre experiências online na Educação Infantil com autorretratos, exposições e visitas virtuais a museus Amanda Santos de Lima	9
2. A experiência estética no Museu do Pontal Anamaria Kyrillos Assad Ferreira	19
3. Em meio à pandemia, havia um museu! Cristina Carvalho	25
4. Narrativas de objetos e leituras no Museu de Folclore Edson Carneiro Dayane Vieira da Silva	31
5. Pedagogos em formação no museu de ciências Gabriela Campolina	41
6. GPEMCI vai a museus de São Paulo Gabriela Campolina e Valeria Martins	45
7. Um museu para guardar na memória Isabel Gomes	49
8. “Olha o que fizeram com o nosso museu”: a experiência no museu como possibilidade da reflexão infantil Letícia Vitória	53

9. Reflexões de um espectador em trânsito	57
Leonardo Minervini	
10. A rosa do deserto: uma visita ao Museu Nacional do Catar	63
Luísa Andries	
11. Egito Antigo: do cotidiano à eternidade	77
Maria Clara Duarte	
12. Minha visita ao Instituto Moreira Salles	83
Monique Gewerc	
13. “Vaivém” na primeira infância	89
Patricia Regina S. Garcia	
14. Não deixe de ir ao museu!	95
Perola Domingues	
15. O Museu da República pelos olhares de uma criança	105
Valeria Martins	
16. Museus de Instrumentos Musicais	111
Vitor Carvalho	
Sobre as autoras e os autores	117

Apresentação

Há mais de dez anos, o Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI) vem pesquisando a relação do público infantil com museus. As pesquisas institucionais têm contribuído para investigações individuais de graduandos, mestrandos e doutorandos que compõem o grupo, e alimentado o campo da Educação com conhecimentos acerca da relação entre crianças, professores, mediadores e artefatos.

Em uma das reuniões semanais do grupo, lá pelos idos de 2019, nos perguntamos como seriam nossas experiências pessoais a museus, como seria a visita a um museu realizada por alguém que pesquisa academicamente esse espaço. Da curiosidade gerada pela reflexão, surgiu a ideia de uma publicação em que os componentes do grupo escreveriam livremente sobre suas próprias experiências, fossem em visitas escolares ou espontâneas. Com a chegada da pandemia, o projeto ficou adormecido durante um tempo, já que a vida de todos, no mundo inteiro, tinha sido afetada, o grau de incerteza e dor conduzia nossos dias, não compreendíamos muito bem tudo que estava acontecendo, e os museus estavam fechados. Ao longo desse período, alguns lembraram visitas já realizadas, outros aproveitaram o próprio contexto, mas, assim que os equipamentos culturais voltaram a abrir suas portas, o grupo, ávido por voltar a frequentar os museus, voltou a escrever sobre suas visitas.

O resultado é um conjunto de textos sobre contextos diversos, com diferentes estilos de escrita, mais acadêmicos ou em forma de prosa, relato de experiência, ensaio. Esta diversidade é um reflexo das infinitas maneiras de se viver a experiência de estar em um museu. Cada um/uma traz sua leitura através das sensações experimentadas e das reflexões suscitadas pela visita, seja no

contato com o acervo ou nas trocas estabelecidas com pares, alunos, amigos etc.

O nome do livro surgiu naquela reunião de 2019 e é uma alusão ao livro *Quando a escola vai ao museu*, publicado pela coordenadora do Grupo, Cristina Carvalho. Esperamos que a leitura deste livro seja inspiradora e desperte o desejo de conhecer ou visitar museus, mas, sobretudo, que possibilite renovar o olhar sobre estas instituições.

Reflexões sobre experiências online na Educação Infantil com autorretratos, exposições e visitas virtuais a museus

Amanda Santos de Lima

A escola deve estar aberta a todos e às suas singularidades, buscando compreender e construir um diálogo e acolher as diferenças. Barbosa (2007) fala sobre transgredir a concepção tradicional de escola, entendendo esta como um fórum democrático de socialização, a ética de um encontro. Com base na compreensão de que é tarefa ética da escola contribuir para formar sujeitos pensantes, criadores de saber e cultura, tenho buscado exercer minha prática docente em consonância com este entendimento sobre as relações entre a escola, saber e cultura, e propiciar vivências que possam acolher e dialogar com as crianças, valorizando seus olhares.

Com o presente texto, busco compartilhar experiências de fruição e fazer artístico vivenciadas junto a uma turma de crianças com 5 anos de idade do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR) - Colégio Pedro II (CPII), localizado na cidade do Rio de Janeiro, após a retomada das atividades letivas suspensas devido à pandemia de COVID-19, ainda de forma remota, nos primeiros meses de 2021. Estas experiências dialogam com a compreensão de que o cotidiano escolar não deve ser experimentado como um espaço de transmissão de significados e conteúdos, mas como solo fértil para o pensamento crítico e criativo, e sua manifestação pulsante e integral.

A Educação Infantil remota e a Arte

O contexto remoto foi especialmente desafiador para a Educação Infantil que, de acordo com as DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), deve ter seu trabalho norteado por dois eixos: interações e brincadeiras, devendo os educadores propiciar experiências que “ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas” (BRASIL, 2010, p.26). Dialogando com tais diretrizes, o CREIR/CPII propõe, em seu Projeto Político Pedagógico Institucional, “a construção de uma escola que não se organize a partir de conteúdos programáticos preexistentes, mas que estabeleça com a aprendizagem e com os objetivos pedagógicos uma relação de orientação, e não de finalidade” (CPII, 2018, p.114). O trabalho realizado na Instituição tem, portanto, o desafio de estabelecer tal relação com o conhecimento de uma forma significativa para as crianças, e nisto a arte pode exercer um importante papel.

Acreditamos que as artes entram na escola como um estrangeiro. Ele simboliza a exceção da regra e a desconstrução da norma. Comove, altera o estabelecido, provocando a instituição educativa com o ato de criação [...]. O artista, seus conhecimentos, práticas e instrumentos reconfiguram o espaço escolar e as relações – possibilitam “outra” proposta de aprendizagem. (FRESQUET, 2008, p.149)

É preciso enfrentar as barreiras ao desenvolvimento da criatividade na escola, possibilitando outras maneiras de pensar a educação. Ao longo do primeiro semestre de 2021, investimos em vivências remotas, por meio de atividades síncronas e assíncronas, em que o grupo foi convidado a refletir sobre aspectos identitários como suas características físicas, família, casa, hábitos e preferências: As crianças puderam, por exemplo, gravar e ouvir áudios em que cada uma se descrevia e o outro buscava adivinhar quem estaria falando, identificar seus colegas com base em pistas

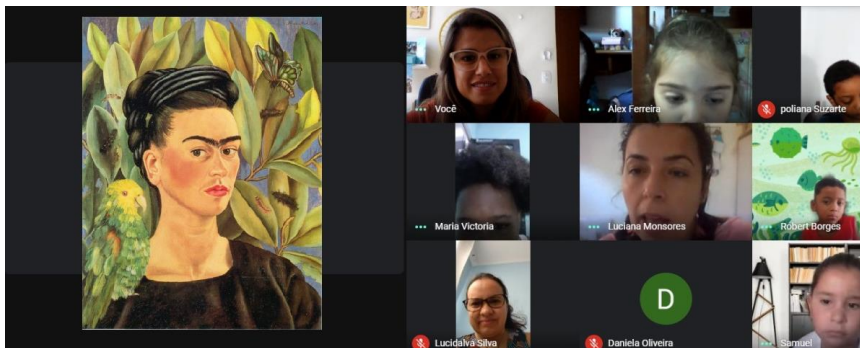
como fotos que mostravam somente uma parte do corpo deste, entre outras atividades que buscavam contribuir com a integração de um grupo que não interagira diretamente há mais de um ano, bem como suscitar reflexões sobre si e sobre o outro. Este planejamento prezou pela participação infantil, compreendendo as crianças como sujeitos.

As crianças e seus autorretratos

Nas brincadeiras e em nossas conversas, convidamos cada criança a ter um olhar atento ao próprio corpo, pensar em suas individualidades, e perceber que todos temos semelhanças e diferenças, buscando reconhecê-las, identificá-las e expressá-las. Propusemos que passassem um tempo em frente a um espelho e observassem detalhes, principalmente, em seus rostos. Este tema foi explorado em vivências que envolveram diferentes linguagens artísticas, sobretudo as artes plásticas.

Conversamos com as crianças sobre o conceito de Autorretrato e proporcionamos o contato e interação com obras deste tipo, convidando-as a apreciar algumas pinturas e, posteriormente, expressar suas percepções através da arte. Neste processo, buscamos uma ampliação do repertório cultural das crianças, que puderam se conhecer um pouco mais por meio das atividades relatadas, e interagir com obras de artistas plásticos como *Frida Kahlo* e *Van Gogh*, apreciando juntos alguns de seus famosos autorretratos e conversando sobre eles. Visitamos virtualmente o *Museu Frida Kahlo*, também conhecido como *La Casa Azul*, selecionando, dentre as obras do acervo, alguns autorretratos para apreciar e conversar sobre o que provocava em cada um, como também o *Museu Van Gogh*, numa visita que teve a mesma proposta. Esta atividade possibilitou que conversássemos sobre a história destes artistas plásticos e o grupo demonstrou envolvimento e interesse.

Imagem 1: A turma apreciando um autorretrato de Frida Kahlo durante atividade síncrona



Fonte: Acervo pessoal

Os museus oferecem a possibilidade de as crianças expandirem sua imaginação e investigarem os sentidos dos objetos expostos, estimulando o sentimento de admiração pelas coisas do mundo (OLIVEIRA, 2011), como foi possível perceber ao longo das visitas. Durante a apreciação das obras, as crianças estiveram muito atentas aos detalhes de cada pintura, como as cores escolhidas, os elementos que apareciam ao fundo e as características físicas dos artistas. Através das telas, era possível perceber olhos admirados e bocas abertas. Reddig e Leite (2007) reforçam esta relação ao afirmar que:

As experiências com as expressões culturais diversas levam a criança a refletir, agir, abstrair sentidos e vivências capazes de levar o sujeito a construir significações sobre o que faz, como faz, para que faz, para que serve o que faz, além de desenvolver a capacidade de estabelecer inúmeras outras relações a partir dessa experiência (REDDIG; LEITE, 2007, p.34)

Em outra atividade, buscamos conversar sobre materiais utilizados na produção de diferentes obras e sobre os nomes que os artistas conferiram a estas produções. As crianças apreciaram algumas obras como *Abaporu* (Tarsila do Amaral, 1928) e *Mona Lisa* (Leonardo Da Vinci, 1503), sendo convidadas a pensar em um nome para elas. As crianças deram suas sugestões e se

surpreenderam quando revelamos os nomes definidos pelos artistas, achando o nome “Abaporu” engraçado. Embora as interações remotas dificultem a percepção das reações das crianças, foi possível perceber que havia um envolvimento na contemplação das obras. Conversamos também sobre exposições em geral e os locais em que podemos expor ou contemplar obras de arte, como museus e centros culturais, bem como sobre o formato virtual adotado com mais frequência naquele momento em decorrência da pandemia de COVID-19. Vimos registros de algumas exposições que as professoras visitaram e até exposições que aconteceram no CREIR, com produções de crianças de outras turmas, sugerindo que o grupo observasse as informações contidas nas etiquetas dispostas junto às obras.

Após este movimento, as crianças puderam revisitar seus autorretratos e criar suas etiquetas, identificando e registrando os materiais utilizados para sua elaboração, conhecendo um pouquinho do processo vivenciado pelos colegas e escolhendo um nome para cada obra. Uma criança disse que seu autorretrato seria “Mavilhosa”, uma junção das primeiras letras de seu nome com a palavra “maravilhosa”; outra intitulou seu autorretrato de “Baby”, apelido dado a ela pelo pai; uma outra nomeou sua obra de “Hulk Buster”, em homenagem ao seu super-herói favorito; entre outras. Neste processo, conversamos sobre as inspirações de cada artista.

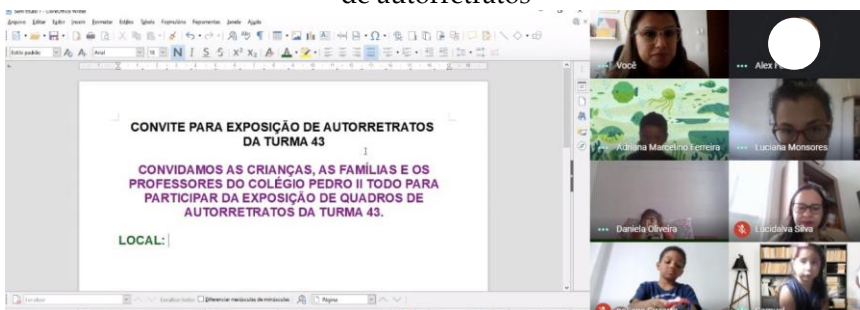
Imagem 2: Crianças mostrando seus autorretratos aos colegas em uma atividade síncrona



Fonte: Acervo pessoal

Diante de um grupo motivado com essas vivências, e com base na compreensão de que “o direito à cultura também se legitima no fazer [e que] a escola aparece como um cenário favorito para a sua realização” (FRESQUET, 2008, p. 149), buscamos valorizar o processo criativo de cada criança com a realização de uma exposição. O grupo elaborou coletivamente um convite à comunidade escolar a partir de algumas questões: “Qual o conteúdo de um convite? Quem vamos convidar? Qual será o nome da nossa exposição? Quando será?”. A Exposição de Autorretratos esteve disponível durante um mês em uma página da plataforma utilizada pela escola para as atividades remotas, compartilhando com as demais crianças, suas famílias e servidores, algumas produções artísticas do grupo. Os visitantes puderam deixar comentários que foram visualizados pelas crianças na própria plataforma.

Imagem 3: Momento de elaboração coletiva do convite para a exposição de autorretratos



Fonte: Acervo pessoal

Reflexões sobre a relação entre arte e crianças para além do contexto remoto: possíveis contribuições para museus e escolas

A partir das vivências relatadas e de reflexões aqui apresentadas, trago aqui alguns pontos aos quais devemos estar atentos a partir da compreensão das crianças como sujeitos ativos e produtores de cultura: a atenção às infâncias na escola e no museu; a importância de refletir sobre contextos de interações e

brincadeiras (eixos norteadores do trabalho na Educação Infantil); a busca em provocar um olhar crítico ao que é visto e que crianças são tão capazes quanto adultos de exercê-lo; a flexibilidade que possibilite aspectos como a interatividade e o exercício da autonomia independente da faixa etária do público; um risco iminente de que as experiências virtuais sejam incentivadas diante deste novo contexto em detrimento das experiências presenciais, igualmente valiosas e que não devem ser desencorajadas por um entendimento equivocado de que crianças em museus apresentam um risco ao acervo; e por último, especificamente sobre as experiências remotas/online, a importância de uma “escuta” a este público que realiza visitas virtuais aos museus sem a participação de um profissional da instituição. Relatos de experiências com visitas escolares remotas podem fornecer informações interessantes para os museus (o que chamou mais atenção das crianças, qual foi percurso da visita e como foi definido etc.) que podem auxiliar tanto na continuidade das próprias experiências remotas, quanto para visitas presenciais e em questões mais amplas sobre o atendimento deste público.

É importante compreender que

O trabalho de mediação traz respostas das crianças, expressas nas mais distintas formas; respostas que vão adquirindo significado para os conteúdos apreendidos ao longo da visita. Nesse sentido, é importante adotar práticas de acompanhamento do trabalho de mediação que possibilitem às instituições pesquisas de público que investiguem aquilo que as crianças olham, como olham dentro do museu (mesmo que não sejam as obras) e o que não desperta o interesse desse segmento (ALEXANDRE; CARVALHO; LOPES, 2014, p. 42).

As experiências virtuais vivenciadas com o grupo de crianças contemplaram visitas a exposições, interações com obras de arte e artistas plásticos, construção de conhecimentos históricos e artísticos, e experimentações artísticas que tiveram um olhar sensível às crianças. A escrita deste texto auxiliou neste movimento tão necessário de reflexão sobre as articulações entre educação

formal e não formal, sobre aspectos da educação museal e do atendimento ao público infantil, sobre o trabalho docente na Educação Infantil e as relações da escola e das crianças com a arte e a cultura, mais especificamente com os museus.

Tanto nas escolas como nos museus se faz necessária uma compreensão das crianças como sujeitos ativos, capazes de produzir seus próprios significados diante das relações que estabelecem. Em uma sociedade marcada pela distribuição desigual de bens, tanto materiais como simbólicos, dificultar o acesso ao saber e às diversas formas de conhecimento funciona como instrumento de poder e dominação. A luta por esta democratização constitui-se como condição necessária na construção da cidadania plena (PEREGRINO, 1995), e esta construção não deve negligenciar a infância.

Referências

ALEXANDRE, Rosana Ferreira; CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris Bastos. **O Lúdico e a Educação Infantil no Museu Internacional de Arte Naif do Brasil**. 4º Grupecí - IV Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia - 2014. Disponível em: <<http://www.gepemci.com.br/wp-content/uploads/2021/04/Antes-das-criancas-havia-um-guia-grupecí-gepemci.pdf>> Acesso em: 26 de maio de 2021.

BARBOSA, M. C. S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 22 de maio de 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Básico. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

CPPII, COLÉGIO PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico Institucional, 2018**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/224-not%C3%A1cias-2018/8220-cpii-divulga-novo-projeto-pol%C3%ADtico-pedag%C3%B3gico-institucional.html> Acesso em 23 de novembro de 2020.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Arte e crianças: um encontro impostergável.** IN: VASCONCELLOS, Tânia de (org.). Reflexões sobre Infância e Cultura. 1ª ed. - Niterói: EdUFF, 2008.

OLIVEIRA, Alessandra Maria Rotta de. **Museu: Um lugar para a imaginação e a educação das crianças pequenas.** In: KRAMER, S. e ROCHA, E. Educação Infantil: Enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011.

PEREGRINO, Yara Rosas R.; PENNA, Maura; COUTINHO, Sylvia Ribeiro. **Da camiseta ao museu: a conquista cotidiana da cidadania plena.** In: PEREGRINO, Yara (org.). Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 1995.

REDDIG, Amalhe Baesso; LEITE, Maria Isabel. **O lugar da infância nos museus.** In: Revista Musas. Vol 3, 2007.

A experiência estética no Museu do Pontal

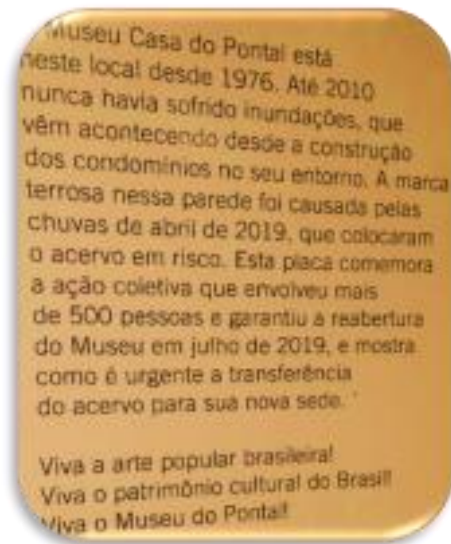
Anamaria Kyrillos Assad Ferreira

Num domingo de outubro de 2019 fui conhecer o Museu Casa do Pontal, localizado, naquele momento, no Recreio dos Bandeirantes¹, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Fomos eu e uma amiga com nossos filhos de seis anos de idade. Ao chegar lá, nos deparamos com uma simpática casa, de arquitetura moderna, cercada por um jardim muito bem cuidado, cuja vegetação se integra perfeitamente com a reserva ecológica local, chamada Pedra Branca.

Não posso deixar de citar que, numa tarde de domingo de sol, o estacionamento muito me impressionou, pois, quando chegamos, tinha apenas um carro. A visita começou logo após estacionarmos, pois no espaço livre do jardim nos deparamos com a obra de um bunker grande de concreto e ferro e dentro uma enorme escultura popular de um homem em gesso, que despertou nossa curiosidade pelo que vinha pela frente.

Antes de comprarmos o ingresso, na entrada principal do Museu havia uma placa explicando sua atual situação e, logo abaixo, da parede até o chão, uma marca terrosa, resultado da inundação que o espaço sofreu com a chuva de 2019. Esta placa representava a comemoração de uma ação coletiva que envolveu 500 pessoas e garantiu a reabertura do local em julho de 2019. Além disso, havia nela um apelo de urgência de transferência do acervo para sua nova sede.

¹ . Em 2021, o Museu do Pontal mudou-se para a Barra da Tijuca, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro.



Em seguida, compramos nossos ingressos e começamos a visita no interior do museu. Ressalto que estávamos sozinhos nas galerias. Não havia outros visitantes, nenhum segurança e nem educadores, guias ou monitores. Nas galerias as peças ficam expostas em vitrines, com altura acessível às crianças em torno de 6 anos de idade.

O museu é dividido em seções temáticas. O Ciclo da Vida é uma verdadeira poesia, o Boi Bumbá e danças típicas, como o Maracatu e o Jongo, são um aprendizado. Jogos e Diversão retratam as brincadeiras de uma época remota e de várias regiões do Brasil. Esta seção, assim como as outras duas - Profissões e o Circo -, despertaram maior interesse nas crianças. Eu e minha amiga ficamos encantadas com o Ciclo da Vida, quanta riqueza nos detalhes! Na verdade, o que não falta naquele museu são detalhes e sensibilidade.

Foi impressionante perceber como aquelas obras tocaram/afetaram, não apenas os nossos filhos, mas também nós, adultas. A narrativa presente nas peças, de costumes de outras regiões do Brasil, provocou interesse em todos.

Algumas obras são verdadeiras engenhocas que podem ser manipuladas pelos visitantes. Como as crianças adoravam e se envolviam quando as obras interagiam! Numa delas tinha uma manivela que na medida que era manuseada os bonecos ganhavam vida. Eram bonecos produzindo fubá num moinho. Como meu filho ficou atento ao manuseá-la! A cada giro ele observava os movimentos dos bonecos no intuito de compreender aquele trabalho. Era interessante vê-lo manuseando, ora girava lento, ora girava mais rápido, buscando entender todo aquele processo.

Havia outra máquina que ao apertar o botão os bonecos começavam a trabalhar numa oficina de marcenaria. Ao apertá-lo, as crianças ficavam interessadas no trabalho executado e, claro, observavam curiosas o que faziam. O botão foi apertado mais de uma vez, sempre que os bonecos paravam, dando a entender que queriam explorar e descobrir cada movimento diferente. Nesses momentos, era possível conversar sobre a obra de uma forma acessível para elas.

Observei que as crianças contemplavam a obra interativa. O silêncio curioso esteve presente quando manuseavam as peças. Um silêncio atento e observador a tudo que acontecia com os bonecos. As crianças não queriam perder nenhum movimento que eles faziam, inclinavam a cabeça e esticavam o pescoço para acompanhar e compreender o conjunto da obra. Apreciar cada obra era permitir o encontro com a imaginação.

A experiência estética que as crianças tiveram com todas as invenções foi um momento diferenciado. Ao tocar naquelas obras, o olhar atento e o movimento do corpo expressavam curiosidade e imaginação. É lúdico ver as esculturas ganhando vida, fazendo-nos viajar por diversos estados do país. Estas experiências que promovem o desenvolvimento da imaginação, capacita a fazer conjecturas e acolher formas de vidas distintas, ampliando o conhecimento e a constituição do nosso mundo interior.

Em outros momentos, demonstravam euforia. Pelos corredores extensos e vazios, nossos pequenos corriam e falavam alto, animados com o passeio. O museu possibilita momentos de

reflexão sobre a própria identidade provocando oportunidades de repensar as próprias crenças e costumes. É impressionante como a arte humaniza as pessoas e permite trilhar caminhos diferentes.

Considerar o museu como um espaço de formação estética é atribuir a ele a ideia de um lugar que suscita no contemplador sensações e indagações únicas; desperta desejos, abre portas para novas buscas. Os museus estão repletos de novidades para as crianças, seja nas salas expositivas, nos espaços externos e nos jardins. Elas são capazes de encontrar a novidade na tradição, nas imagens construídas por gerações passadas, desde que sejam dadas as condições devidas que possibilitem vivenciar experiências estéticas significativas.

Neste sentido, a estética contribui para a formação humana, visto que a sensibilidade nos envolve auxiliando a interiorizar sentimentos, possibilitando-nos reordenar pensamentos, emoções e motivações.

Peças bem trabalhadas, lindas, algumas coloridas, outras da cor do barro, grandes, pequeninas, todas muito delicadas e ricas em detalhes que retratam os costumes cotidianos, festivos, folclóricos e religiosos de várias regiões do Brasil. A estética vivenciada neste museu colocou em ação os canais da sensibilidade entrelaçando o entendimento e a imaginação permitindo, dessa maneira, configurar uma realidade diferente daquela que conhecemos no cotidiano.

Conhecer esse museu trouxe-me reflexões sobre as obras ali expostas. É interessante pensar que as peças são de artistas populares, que aprenderam sua arte sozinhos ou com gerações passadas, em condições nem sempre favoráveis, retratando os próprios costumes a partir de um olhar sensível.

Outro fator que me impressionou é o nascimento desse museu. O artista francês Jacques Van de Beuque era o dono das 4.500 obras ali expostas. Trouxe-me uma inquietação perceber que um homem de outra cultura reuniu tantas obras significativas da cultura do povo brasileiro e, numa tarde de domingo qualquer, nos deparamos com o museu tão vazio de nossa gente.

Arrisco-me a dizer que a visita provocou um reconhecimento de identidade nacional e me fez pensar na importância de qualquer brasileiro conhecer sua própria pluralidade cultural, por meio daquelas obras regionais. É impressionante e desafiador reconhecer que aquele imenso acervo pertencia a um estrangeiro!

Este museu é considerado o maior e mais significativo museu de arte popular do país, de acordo com o site oficial do Museu do Pontal. Estar naquele espaço é explorar a diversidade cultural existente no Brasil, a partir de obras feitas por artistas do povo. Considerei aquela visita com meu filho uma oportunidade de conhecer outros costumes e regiões brasileiras, sem sair do Rio de Janeiro. Além disso, o tipo de obra, talvez por ser bonecos de gesso ou então pela delicadeza dos detalhes, desperta nas crianças um interesse pela temática envolvida.

O Museu é fascinante pela simplicidade de suas peças, aliada à sofisticação estética. O movimento e o som das obras traduzida na extrema criatividade e singeleza resulta em uma experiência emocionante.

Recomendo a qualquer brasileiro ir até lá e conhecer/reconhecer sua própria diversidade cultural. É uma verdadeira viagem pelo território brasileiro, através da arte popular. De fato, a arte é uma potência inquestionável! Ela encurta distâncias, proporciona conhecimento e possibilita o encontro com a gente mesmo.

Não deixem de visitar!

Em meio à pandemia, havia um museu!

Cristina Carvalho

No dia 18 de maio de 2021 o GEPEMCI, grupo de pesquisa que coordeno, *foi ao museu* de uma maneira que nunca imaginei! O grupo realizou uma visita virtual mediada ao Museu Eva Klabin, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 1: Museu Casa Eva Klabin – Rio de Janeiro/RJ



Decidi narrar esse momento e comecei me perguntando: para que mencionar a localização do museu? Que diferença faria, pois todos os integrantes do grupo iriam realizar a visita sem sair fisicamente do lugar. Felizmente, logo em seguida, retomei um dos princípios que têm me guiado na escrita, na produção, na vida acadêmica: o respeito ao leitor, e fui tentando compreender que era apenas uma outra modalidade de visita a um museu. Considero que é sempre importante contextualizar instituições e lugares citados, e insisto neste aspecto nas orientações que realizo, nas

bancas de avaliação que participo. Por que então iria optar por outro caminho?

Enquanto alguém que ADORA museus, enquanto professora que tem abordado em suas aulas o papel da cultura na formação humana, bem como enquanto pesquisadora da relação museu e escola e de ações desenvolvidas pelos museus, cheguei a realizar algumas visitas virtuais a esses espaços muito antes do contexto de pandemia, mas, confesso que, ao final, sempre tive o sentimento de que faltava algo, de que *não era a mesma coisa*. E devo também declarar que raras vezes algo de fato me chamou a atenção, ou fez com que me concentrasse em uma visita virtual. Gosto de contato, amo estar junto, valorizo a possibilidade de troca presencial, adoro olhar nos olhos, contar e ouvir momentos da visita.

Como então me encontrava naquela situação? Uma visita virtual a um museu com o meu tão querido grupo de pesquisa? E a resposta era clara e simples: depois de um ano de pandemia, com atividades do grupo estritamente remotas, surgiu essa oportunidade de uma visita virtual mediada. Mas, por que uma visita virtual com o grupo provocava tanto estranhamento? O doído contexto de pandemia estaria intensificando sentimentos? Seria apenas em decorrência da falta de familiaridade com visitas virtuais a museus? Momentos antes da visita virtual, turbilhão, relampejos da memória, na perspectiva benjaminiana¹, que apontam para a brevidade do tempo, o seu caráter de faísca, da percepção de uma imagem do passado.

Tive, ao longo da vida, a sorte de visitar diversos museus no Brasil e em outros países, e poderia citar várias experiências, inúmeros momentos, mas vou destacar duas ocasiões ocorridas fora do Brasil (meu relampejo): a primeira, uma visita ao Museu Del Prado, localizado em Madrid (Espanha), cidade inesquecível, em vários aspectos - cultural, social, gastronômico -, e um céu que

¹ Walter Benjamin (1892-1940). Filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão. Dentre tantas obras, ver: BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

guardo para sempre na lembrança. Os espanhóis chamam de Triângulo de Arte ou Triângulo de Ouro - e alguns ainda denominam de Triângulo das Bermudas da Artes - os três grandes museus de arte nas proximidades do Paseo del Prado. O primeiro vértice do triângulo é o Museo del Prado, o segundo é o Reina Sofia e o terceiro é o Thyssen-Bornemiza. Outros museus na área também ficaram conhecidos como parte do triângulo, como o Museu Arqueológico, a Biblioteca Nacional e o Caixa Fórum. O que gostaria de destacar é minha alegria ao me perder, pela primeira vez, naquele triângulo de cultura, imbuída do desejo que todos tivessem a oportunidade que tive naquele primeiro momento, agora, lembrança inundada de tristeza pelo fechamento dos museus em todo o mundo.

E o turbilhão de memórias continuava: veio então a visita ao Museu Rijksmuseum, localizado em Amsterdam, Holanda, cidade igualmente inesquecível e conhecida por muitos fatores, mas resalto aqui seu potencial cultural: possui mais de 50 museus e o Rijksmuseum abriga renomadas obras de pintores. Na minha visita a esse museu estive “frente a frente” com uma das obras que utilizei durante anos na disciplina *História e Política da Infância de 0 a 6 anos*, no Curso de Especialização em Educação Infantil, da PUC-Rio e, recordando, sentia novamente a emoção daquele momento.

Minutos antes de logar no link da nossa visita virtual fui tomada por um misto de saudade, de lembranças, de tristeza, de incerteza, de dor – por tantas perdas no mundo inteiro. Respirei fundo, tentando “cumprir o meu papel de coordenadora”. Estávamos, integrantes do GPEMCI e profissionais do Museu Eva Klabin, logados, conectados pela internet, distantes, cada um no seu quadrado da plataforma Zoom. Mas, a simpatia dos nossos anfitriões - Carlos Miguez e Thiago Herdy – e a alegria de ver cada um e todos no grupo proporcionaram um clima que começou a amenizar aquela tristeza.

Carlos Miguez deu início à visita ressaltando a importância do diálogo na mediação realizada pelos museus, explicitando, de modo claro, seu posicionamento com relação ao lugar de cada um

dos sujeitos envolvidos nessa relação museu e escola. Logo de início, fiquei encantada com sua fala. Foi MUITO bom ouvir aquele depoimento, pois considero que a abertura para o diálogo é um aspecto fundamental na visita museal, na verdade, para a vida.

Eva Klabin, personagem que dá nome ao Museu, foi apresentada a seguir, assim como a constituição do acervo da Instituição. Foi muito interessante saber o motivo pelo qual as obras expostas não possuem placas de identificação: um pedido de Eva (nem precisava mais usar o sobrenome, pois já me sentia próxima). Estava encantada por conhecer um pouco mais sobre aquele espaço e sua história. Tive a alegria de ser aluna, e depois me tornar colega e amiga de Leandro Konder, um dos maiores filósofos brasileiros, quando trabalhamos juntos no Departamento de Educação da PUC-Rio, e, naquele momento, lembrei do meu amigo que dizia que: *enquanto não enxergarmos a dimensão histórica de um ser, de um objeto, de um fenômeno, de um acontecimento, não podemos aprofundar, de fato, a compreensão que temos deles*. Nesse caminhar, meu desconforto com a visita virtual ia se dissipando.

Nossos anfitriões continuavam a nos encantar, com imagens projetadas do acervo e esclarecimentos sobre a dinâmica do Museu: priorizam *a presença nas visitas* e buscam realizar com os visitantes um primeiro encontro/contato, pois consideram que as experiências das pessoas dialogam com os objetos. Compreendem que o acolhimento, o diálogo e a linguagem são diferenciais para uma mediação de qualidade, e que a mediação precisa ser pautada num exercício aberto e dinâmico para atender grupos diversos.

Imagem 2: Museu Casa Eva Klabin – interior - Rio de Janeiro/RJ



E a tarde corria, de modo fascinante, com os educadores museais apresentando obras do acervo, propondo uma interação do grupo com as imagens, lançando questionamentos, como, por exemplo: o que a obra despertava para cada um(a), que aspectos gostaríamos de destacar, o que as imagens representavam etc. Que satisfação perceber que as obras foram escolhidas para a *noossa* visita - a visita do GEPEMCI - as imagens apresentadas traziam crianças, lançavam perguntas sobre a presença e a participação das crianças no mundo. A cada atividade, a cada encaminhamento dado, tive o sentimento de que o GEPEMCI estava, de fato, no museu. Os integrantes do meu querido grupo informavam, a cada provocação, suas impressões, e ríamos das falas uns dos outros. Nesta perspectiva, Carlos Miguez pontuou que a mediação pode divertir, proporcionar brincadeiras e que não precisa ser imposta, perspectiva com a qual concordo totalmente. Pesquisando a relação museu e escola ao longo dos últimos anos, tenho defendido a importância de uma mediação que passa necessariamente pelo diálogo.

Em uma das imagens apresentadas, Carlos diz que o interessante é primeiro dialogar com a obra para depois ver a placa identificadora. Pontua que a obra responde a muitas questões da

época, mas também suscita dúvidas e que, quando isso acontece, o objetivo da mediação foi alcançado. Destacaram que quando se fala em mediação é importante deixar o campo aberto para o desconhecido, mais um ponto que dialoga com as reflexões que tenho desenvolvido.

As diversas perspectivas e emoções que a mediação possibilita foi outro aspecto abordado por nossos anfitriões no decorrer da visita. Consideram que a partir do momento que a obra vai para o mundo, os sentidos dela se multiplicam. Thiago fala, inclusive, sobre a importância de o mediador proporcionar autonomia ao visitante, reiterando que a autonomia exercita o olhar. Para os mediadores, a mediação busca trabalhar com os aspectos atuais da peça e dialogam com todos os elementos envolvidos (desgaste da cor e da peça devido ao tempo).

Aquela tarde se tornou em momento único - tudo foi MUITO bom, agradável, alegre, importante, sensível – ao ouvir nossos anfitriões e os integrantes do grupo, cada fala se somava. Foram mais de duas horas de um encontro maravilhoso. Os mediadores deram uma aula sobre o processo de mediação, reconstruíram meu conceito sobre visita virtual, me transportaram para outro momento e o *GEPEMCI foi ao Museu*. É só agradecimento! A visita deixou marcas e se constituiu em experiência, na perspectiva benjaminiana.

Narrativas de objetos e leituras no Museu de Folclore Edson Carneiro

Dayane Vieira da Silva

Os objetos são também escritas culturais.
Substituem as palavras mas, semelhantes a elas,
constroem uma narrativa sobre a realidade.
(LIMA, 2010, p. 16)

Este texto tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a visita realizada no Museu de Folclore Edson Carneiro (MFEC), no dia 01 de maio de 2019. O Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC) está localizado na Rua do Catete, 179, no bairro do Catete, cidade do Rio de Janeiro. Atualmente o Museu integra o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, órgão do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, Ministério da Cultura. A Instituição, além do Museu, é formada pelos setores: Administração, Biblioteca Amadeu Amaral, Difusão Cultural, Pesquisa, Museologia, a Sala do Artista Popular e a Galeria Mestre Vitalino (prédio anexo de exposições temporárias).

Figura 1: Fachada de entrada do Museu de Folclore Edson Carneiro



Fonte:http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=1, acesso em 19 out. 2021 (Entrada do Museu de Folclore Edson Carneiro).

A possibilidade de leitura dos objetos museológicos no âmbito simbólico e imaginário, a partir da coleção que compõe a exposição de longa duração do Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC), nos permite pensar sobre a presença dessas narrativas em um espaço museológico, sendo este formado por objetos repletos de conteúdos expressivos, porta-vozes de memória, identidade e cultura. Outro ponto a ressaltar refere-se à existência das narrativas em nossas vidas. Estamos cotidianamente produzindo histórias, contando e ouvindo. Existe em cada um de nós um sujeito que narra, portanto, a intenção é dialogar com essas questões, entrelaçando a composição de narrativas, a leitura dos objetos e a leitura de mundo.

Diante das leituras possíveis que poderíamos fazer do espaço expositivo, através da nossa formação individual, proponho em um primeiro momento a “quebra da palavra”. Isto não significa que ela não exista, pelo contrário, ela está diante de nós, porém de outra forma. Menciono a leitura não convencional, a leitura de objetos que compõem a estrutura narrativa, o enredo da exposição de longa duração do Museu de Folclore Edison Carneiro.

O objeto museológico não é um simples artefato que integra uma coleção, ele carrega consigo a história de quem o produziu, apresentando sua cultura, a do seu grupo ou de sua coletividade.

É importante salientar o trabalho anterior à chegada dos objetos artesanais ao Museu, segundo Lima (2010, p. 96),

As coleções etnográficas brasileiras têm sido progressivamente enriquecidas com exemplares ímpares que buscamos nos confins mais distantes, trazendo-os aos museus, muitas vezes com grandes dificuldades, quando de nossas pesquisas de campo quer com sociedades indígenas, quer com comunidades rurais ou urbanas de nossa própria sociedade. E nós o fazemos por julgar importante reunir e preservar uma coleção de objetos que seja representativa do grupo estudado e, acima disto, por crer que esses objetos carregam com eles a cultura que os produz.

Dialogando com a exposição podemos observar a presença de muitos narradores, representados por seus objetos, que contam sobre nossa história cultural brasileira. A visita ao Museu é uma experiência singular, pois nos permite viajar pelos lugares mais longínquos deste país, através de uma leitura que suscita profunda observação e interpretação.

A exposição estava organizada em cinco módulos: Vida, Técnica, Religião, Festa e Arte. Entretanto, minha pretensão aqui não é fazer a descrição detalhada desses espaços e sim trazer as narrativas que deles provêm.

Na sala de entrada encontramos uma perspectiva que compreende o povo brasileiro em sua diversidade cultural, apontando que somos constituídos pela mistura dos povos imigrantes, do negro, do índio e de tantos outros que para cá vieram.

O folclore brasileiro, tema gerador da exposição de longa duração do MFEC que conduz todo enredo narrativo, é apresentado por uma perspectiva antropológica que potencializa a voz daqueles que produzem cotidianamente nossa cultura.

Através do contato com essas representações por objetos e vozes, e o seu entrelaçamento, narrativas particulares e coletivas são formadas, uma história que não tem início e nem fim, o público passa a conhecer os saberes apresentados na exposição. O não reconhecimento de certas expressões culturais, ou mesmo a ausência delas, revelam outras narrativas.

Desta maneira, as narrativas que surgem a partir desses espaços e objetos do museu aproximam o visitante do ambiente em que foram produzidas, pois todas elas estão inseridas em um contexto. Mesmo que as peças estejam deslocadas de seu local de origem, é notável que elas se apresentem em suas especificidades e com respeito para não criar formas caricatas.

A apresentação de diferentes culturas religiosas oferece ao público um olhar sobre o que diz respeito à nossa identidade cultural brasileira, mostrando sua constituição a partir de uma perspectiva que a entende sob a ótica da diversidade, correspondendo à história de um país composto por uma miscigenação entre povos, que para cá trouxeram suas crenças e que hoje formam diferentes religiões.

É importante ressaltar que todo o enredo narrativo é pautado nos objetos e em seus contextos, o que dispensa a demasiada presença de longos textos descritivos com uma linguagem cansativa e que não inclui neste universo todos os públicos. A palavra desaparece e metaforicamente “dá voz aos objetos” em busca de um elo com o visitante.

A proposta apresentada, diferentemente de outros espaços expositivos que prezam por algo mais descritivo, pode abrir um leque de possibilidades para se pensar na estrutura narrativa que compõe a exposição de longa duração e em sua forma de expor o folclore brasileiro. O Museu possui um conteúdo riquíssimo, com peças diversas que, por serem contextualizadas, possibilitam aos

visitantes produzirem significados muito diferentes dos que estudamos e encontramos em livros didáticos, quando o tema tratado é o folclore.

O que falam os objetos do Museu de Folclore Edison Carneiro? O que sabemos sobre eles? O que nos foi contado? O que significa conhecer também a nossa história pelo mundo dos objetos artesanais de tradição cultural? A visita provoca a busca de respostas para estas questões e pude perceber a presença de lacunas deixadas ao longo da minha vida escolar: quando se tratava da temática folclore brasileiro, o limite era o saci e o curupira. Então, durante o meu percurso pelo museu me deparei com o objeto e seu/sua autor/a ocupando o mesmo espaço. Todos com o mesmo destaque, revelando a autoria e o reconhecimento do trabalho de quem o produziu. A visita permite a construção de uma outra versão, que vai sendo tecida diante dos nossos olhos.

Neste momento, entramos em contato com uma diversidade de narrativas e um mundo repleto de histórias. Um saber que vem de longe e que é passado de geração para geração, configurando uma riqueza patrimonial. Esses saberes fazem parte do cotidiano de diversos grupos de nossa sociedade e sua manutenção depende essencialmente da experiência do mais velho, daquele que compartilha com os outros do grupo, sua arte de criar e de narrar. O artesão e o narrador se confundem, pois ambos contam sobre algo de sua experiência. Temos, assim, um cenário composto pelo entrelaçamento de conhecimentos e de histórias, que aguçam a curiosidade daqueles que visitam a exposição.

O ato tradicional de contar histórias está apenas em nosso imaginário ou será que ele ainda existe? Segundo Walter Benjamin (1985, p. 99): “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”. Para o autor, a figura do narrador entra em declínio na sociedade moderna com o surgimento do romance. As diferenças que separam o narrador e o romancista são sublinhadas pelo filósofo:

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los. (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Deste modo, a crítica feita por Benjamin (1985) não está simplesmente no possível desaparecimento da narrativa e sim nos novos valores que a sociedade passa a produzir. A dimensão estética da arte de narrar se perde em meio ao consumo de informações simplistas. As práticas coletivas e a troca de experiências são substituídas. Assim, o leitor passa a ser outro e a tradição oral deixa de ter seu espaço dentro do contexto que se configura. A leitura do romance se dá, preferencialmente, em um momento de isolamento entre o sujeito e o texto, e a produção de sentidos diferencia-se daquela permeada por interpretações compartilhadas, situação que, inversamente, é predominante na transmissão das narrativas tradicionais.

Partindo desta análise, é possível relacionar o leitor de romance apontado por Benjamin (1985) com o visitante que vai ao Museu e sente falta da informação. Pelo fato de a exposição ter pouquíssimas referências textuais, ele não consegue perceber que a informação buscada está no próprio objeto. Este sujeito não vê a mão daquele que modela e dá forma ao apresentado, revelando a história de sua autoria e constituindo maneiras de ver o mundo, através das narrativas e produção de novos significados. A interpretação fica comprometida, pois o objeto, entendido como na leitura do romance, é para ele concebido de forma solitária. Dentro desta perspectiva, temos a presença de uma angustiante leitura repleta de vazios, que não relaciona o objeto e o contexto em que foi produzido. Segundo Benjamin (1985, p. 203), "quase nada que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação".

A visita pode ser transformada em um belo passeio pelo mundo dos objetos e de sua produção. Voltando sempre ao artesanato, perceberemos a presença intrínseca da figura do narrador, pois

ambos, em seus ofícios, partilham de valores comuns, e a marca da imperfeição humana aparece na peça que é produzida, revelando a singularidade do sujeito que a fez. As histórias são compartilhadas, contadas e recontadas, e acabam incorporando elementos das trocas coletivas, em um processo que não se esgota jamais. No caso examinado, a diferença dessa leitura dos objetos e a dos textos letrados da tradição escrita é que falamos de pessoas que compõem essas narrativas cotidianamente e isso faz com que a visita ao museu se torne um palco de narrativas que se misturam, se afastam e se complementam com a história particular de cada visitante.

Desta maneira, o museu pode ser comparado a um texto a ser lido, o qual podemos também interpretar. Cada canto, objetos que contam histórias. Cada visita, uma leitura, que unida a outras leituras compõem narrativas diversas.

Canclini (2006, p. 150) ressalta que “o caráter aberto das peças artísticas e os textos literários modernos os tornam particularmente disponíveis para que no processo de comunicação os vazios, os lugares virtuais, sejam ocupados com elementos imprevistos”. Ou seja, o objeto museológico agrega a cada nova visita significados, presença, ausência, pertencimento, estranhamento, identidade, valorização, desprezo, entre outros que compõem o conjunto de narrativas intermináveis, constituídas na diversidade dentro de um contexto plural.

Pensando no conjunto dessas relações, tentei aqui entrelaçar vozes que testemunham um palco aberto de narrativas significativas para nossa memória cultural, um museu que trata da cultura popular e apresenta o povo brasileiro como seu protagonista. Será que este espaço de formação tão importante já foi entendido pela sociedade em suas diferentes classes sociais como um local de identidade e semelhança? Esta é uma questão mais ampla, no entanto, busquei refletir sobre como o entrelaçamento dessas vozes acontece no Museu de Folclore Edison Carneiro.

Nossa história cultural vem sendo contada e recontada no universo escolar, fatos históricos são rememorados, narrativas são produzidas. Quem não se lembra de Getúlio Vargas? É raro encontrar

um adulto que não ouviu falar dessa figura política. Por abrigar a memória de narrativas do tempo de Vargas, presidente da república Federativa do Brasil e ser palco de sua emblemática morte, o Museu da República recebe méritos e glamour. O prédio, construído ainda no tempo do Império, carrega em sua arquitetura imponente, o status de Palácio da República que, além de suas dimensões, tem em seu entorno um belíssimo jardim, vizinho ao Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC), que estou tratando aqui.

Não pretendi aqui reafirmar o papel estético ou científico do museu e sim de mostrar seu caráter político-pedagógico. Muito mais que apresentar uma exposição, esta instituição carrega consigo um papel fundamental dentro de nossa sociedade, por isso questionar suas práticas e tentar entendê-las dentro do cenário cultural de nosso país é uma tarefa de todos os profissionais que compreendem este espaço como formativo. Suas narrativas atravessam os limites do próprio Museu e é nesta trajetória que elas se fundem.

Dialogando com a exposição pude observar a presença de muitos narradores, representados por objetos, que contam sobre nossa história cultural e perceber que essas narrativas se chocam, sejam as apresentadas pelo Museu, sejam as suscitadas pelos visitantes no momento de contato com o enredo museológico. O discurso museológico se faz no ato presente da visita e as interpretações são permeadas pelas diferentes visões de mundo que cada um carrega consigo. De certa maneira pode-se dizer que o diálogo acontece, mesmo com os discursos das ausências, visto que a discussão da cultura na perspectiva apresentada não é algo estagnado, sofre mudanças ao longo do tempo e incorpora outros discursos constituindo uma memória a ser preservada.

Dito isto, lanço a pergunta: você já foi e/ou levou suas crianças ao Museu? Eu adoro passear com a minha sobrinha nos museus. Ela me acompanha nos *rolês* culturais desde muito novinha. Visitamos o Museu de Folclore e ela adorou. Criança no Museu? Temos! *Clara, o que você mais gostou no Museu?* Ela me disse que foi a sereia. É direito da criança acessar os espaços culturais da cidade. Recomendo a experiência!

Durante a visita, ela foi explorando e perguntando sobre os objetos, mas na última sala tinha papel e lápis colorido para relatar uma história e ali ela se concentrou e desenhou o que mais gostou da exposição. O papel era adesivo (post-it) e a proposta era colar na parede do museu, ou seja, naquele momento a história construída por Clara já fazia parte da narrativa do museu. Ela gostou tanto que pediu para fazer um segundo desenho e é lógico que eu deixei. Ficamos muito felizes com a experiência e com a proposta de interação da exposição.

Figura 2



Fonte: arquivo pessoal

Referências

BENJAMIN, Walter. "O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.p. 159-254.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. 8^a Edição. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

Pedagogos em formação no Museu de Ciências

Gabriela Campolina

Outubro de 2018. O professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências Naturais programou uma visita ao MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins - com os alunos de graduação. Não estava matriculada nesta disciplina, mas perguntei se não poderia me juntar ao grupo. Fiquei muito feliz porque nunca fui ao MAST, e já tinha um interesse grande por visitar o Museu, ainda mais agora que faço parte do GEPEMCI.

Sáímos da PUC em grupos de quatro - cada grupo pediu um carro e dividimos a conta depois. Chegamos muito rápido no MAST, e nossa reação inicial foi de surpresa com o fato de que o calor era muuuito mais intenso onde o MAST é localizado - São Cristóvão, que fica na Zona Norte do Rio de Janeiro -, do que na Gávea, que fica na Zona Sul da cidade. Todas estávamos de calça jeans ou leggings, apesar do dia particularmente quente, e quando perguntei o motivo para algumas de minhas amigas, a maioria disse que “sentia que deveria usar calças ou roupas mais formais num museu”. Eu mesma estava de calça por esse motivo, e achei interessante que todas pensamos igual. Refletimos em conjunto sobre isso: Há um tipo de roupa adequada para um espaço museal? Um tipo de comportamento esperado? Por que o espaço de um museu é considerado sério e merecedor de roupas formais? Afinal, não é um tipo específico de vestimenta que vai definir uma visita a um museu como melhor ou pior.

Após um momento de relaxamento para apreciarmos o campus e tirarmos *várias* fotos, fomos recebidas por uma antropóloga que nos direcionou a uma sala dentro do prédio principal do museu. Ela explicou que nosso dia não consistiria apenas em uma visita pelo museu - por sermos professoras em formação, ela conduziria um encontro (Encontro de Assessoria ao

Professor) que é obrigatório para professores que querem levar os seus alunos numa visita com mediação. Foi um momento muito produtivo pelo fato de termos conversado bastante com a antropóloga, e recebemos todo o material que professores recebem, além de termos acesso a uma pasta no Google Docs com atividades para serem realizadas antes e depois da visita no museu.

A nossa anfitriã conversou sobre a proposta pedagógica do Museu, ressaltando a importância do espaço, não somente por ser um museu de ciências, mas também por abrigar a história da ciência. Ela contou sobre como o setor educativo do museu é preocupado com a relação escola-museu, e como eles querem fazer com que os estudantes compreendam que a ciência pode ser abordada de forma prazerosa quando trabalhada de forma mais ampla. Destacou também que as visitas a um museu ampliam a experiência das escolas que, de modo geral, estão muito fechadas a conteúdos específicos.

Conversamos, então, sobre as “trilhas educativas”, cada uma com objetivos diferentes e que passam por distintas áreas do museu. As trilhas não possuem aspectos diferenciados para as idades - a equipe procura realizar uma visita ampla, que seja aberta a modificações. A trilha “Onde vivemos” procura, de maneira geral, discutir relações entre a ciência e a sociedade, já a trilha “Por onde vamos?” busca despertar a curiosidade sobre o processo de construção da ciência, ressaltando o quanto a ciência é algo inacabado e que está sempre em transformação. Há uma terceira trilha, mais recente, que não acontece devido ao fato de o museu ter sofrido cortes de verba e por não dispor de mediadores em quantidade suficiente.

Traçamos os passos das duas trilhas educativas principais e achei muito interessante porque, a todo momento, a antropóloga mencionava a importância de tal e tal ponto da exposição para crianças pequenas, ou para crianças maiores, sugerindo atividades e maneiras de apresentar cada momento para as turmas. Ou seja, é um trabalho voltado para a articulação da escola com o museu e foi possível perceber que absolutamente tudo é planejado pensando

nas crianças, desde o posicionamento de certos elementos das trilhas até a maneira como esses elementos eram oferecidos. Ela também comentou a importância de se ter um momento livre na visita ao museu para que as crianças e os adultos possam se apropriar do campus, realizando piqueniques e observando livremente o espaço que está disponível para eles. Percebi, em nossa visita, que nós éramos o único grupo de visitantes do museu. Não identifiquei outras pessoas que visitavam o espaço.

Gostei muito da atividade, apesar de ter sentido que o processo (deslocamento e visita) foi um pouco cansativo. Recomendaria, para uma próxima visita, que fosse organizado um piquenique entre as alunas e o professor, porque ficamos muitas horas no local e não tinha opção de comida no museu. Tirando esse detalhe, fiquei encantada com o local e por perceber suas possibilidades. O MAST é um espaço de ciências, de cultura e de muita formação, e todas as conversas e trocas serviram para mostrar a importância que o contato de professores – em formação e já formados – com espaços culturais tem, tanto para sua própria formação cultural como para pensar nas possibilidades de aprendizagem das crianças. Espaços museais como o MAST são potentes e devem ser valorizados não somente como momentos de passeio escolar, mas como possibilidade de troca entre as crianças, de formação cultural e estética. A existência de um programa de formação de professores antes das visitas escolares indica uma preocupação e reconhecimento da importância do momento de visita. Todos saímos de lá com muitas ideias e vontade de retornar.

4GEPEMCI vai a museus de São Paulo

Gabriela Campolina
Valeria Martins

Estávamos em São Paulo em dezembro de 2019 para participar, representando o GEPEMCI, de um Congresso Internacional sobre Crianças e Infâncias na Universidade de São Paulo (USP) cujo tema era Infâncias, Cidade e Democracia. Apresentamos resultados da nossa pesquisa sobre a presença de bebês em museus e centros culturais, e aproveitando a oportunidade de estar numa cidade conhecida por sua vida cultural, visitamos algumas instituições. Essa nossa incursão ao Museu Afro Brasil, Instituto Tomie Ohtake, Instituto Moreira Salles, Itaú Cultural, MASP - Museu de Arte de São Paulo, SESC Avenida Paulista e Centro Cultural FIESP, marcante em nossas vidas, é aqui narrada.

O Instituto Tomie Ohtake foi o primeiro a ser visitado. A proposta do Seminário que participamos dialogava com a cidade, de modo que ofereceram diversas atividades espalhadas por São Paulo, algumas ocorrendo em Escolas Municipais e outras em instituições culturais. Optamos pelo Instituto Tomie Ohtake por suas atividades com bebês terem sido investigadas por Maria Emilia Santos (2017), integrante do GEPEMCI, em sua dissertação de mestrado. Nesta instituição, destacamos a atividade proposta pela equipe de projetos. Ao grupo de professores participantes do Seminário foi proposta uma discussão sobre Território Educativo, seguida de uma apresentação das instituições culturais e escolas premiadas por projetos do Instituto Tomie Ohtake, mostrando que é possível o diálogo de instituições culturais e escola com o seu território. Entre as iniciativas apresentadas havia desde escolas de Educação Infantil até Escolas de Ensino Médio. O encontro foi

encerrado com uma atividade em que cada participante deveria criar um mapa de um lugar especial.

O Museu Afro Brasil, localizado no Parque Ibirapuera, foi uma das visitas mais marcantes no nosso tour por São Paulo. A ida à instituição se deu principalmente pelo desejo de uma colega que nos acompanhava no Seminário. Ao chegarmos na entrada do museu logo encontramos um grupo de estudantes uniformizados, aparentemente do Ensino Fundamental II, tentando guardar suas bolsas. Fizemos o ritual de entrada: compramos os ingressos, guardamos as bolsas, passamos por um detector de metais e finalmente iniciamos a visita.

O primeiro andar tinha obras plásticas de artistas como Walter Firmo, João Câmara, Castro Alves, jovens artistas contemporâneos da Bahia e, no final deste andar, a representatividade negra na engenharia brasileira era apontada, ao exibir os objetos científicos no contexto da escravidão, exposição que nos deixou intrigadas: *“por que esses objetos não fazem parte da exposição fixa? São tão interessantes”*. Ao conhecer o segundo andar, obtivemos a resposta. O museu possui um acervo extenso, com mais de 5 mil obras, sendo um dos maiores museus em termos de acervo que já visitamos. Entre orixás, objetos indígenas, capoeira, navio negreiro, artistas negros. Eram tantas informações e um espaço tão extenso que não era possível manter uma rota organizada, de modo que muitas vezes nos perdemos umas das outras. A mensagem principal que o museu nos deixou é que quando a cultura Afro-brasileira é valorizada, oferece um mundo de possibilidades de formação do patrimônio, identidade e cultura brasileira.

O Museu de Arte de São Paulo (MASP) tem o mais rico e abrangente acervo dentre os museus do hemisfério sul, e está localizado no coração de São Paulo: na Avenida Paulista. Em um primeiro momento nos assustamos com o preço do ingresso, que nos deixou na dúvida se entraríamos ou não. Durante o almoço, avaliamos que demoraríamos para ter outra oportunidade de conhecer o espaço, e decidimos pagar caro para entrar. Discutimos sobre o valor da arte e o privilégio de termos condições financeiras

para entrar no espaço. Alguns destaques da Coleção do MASP são as obras de artistas renomados, como Rafael, Bellini, Andrea Mantegna e Ticiano. Não havíamos pesquisado quais obras faziam parte do acervo, de modo que foi uma grande surpresa quando percebemos que teríamos a chance de ver pessoalmente obras de artistas igualmente consagrados: Renoir, Van Gogh e Degas, entre outros. Obras que sempre vimos em livros de história ou na internet - como por exemplo a famosa escultura da Bailarina de Degas - agora estavam diante de nossos olhos. Foi uma experiência muito emocionante, que levou até a algumas lágrimas. De fato, o valor do ingresso era alto, mas acreditamos que tenha valido muito a pena a visita e se não tivéssemos entrado não saberíamos o quanto estaríamos perdendo. Isso nos fez refletir sobre o quanto algumas pessoas são impedidas de ter contato com espaços culturais pelo fator socioeconômico. Se até a meia entrada não é acessível para a maior parte da população, quem tem acesso a esses espaços? Dito isso, foi possível observar que a grande maioria das pinturas estavam penduradas na altura dos olhos de adultos, de modo que a acessibilidade para crianças, cadeirantes e pessoas de baixa estatura não era latente.

A última instituição visitada naquele dia foi o Centro Cultural FIESP, que apresentava uma exposição sobre a obra de Maurício de Souza. A exposição, gratuita, era colorida, composta por diversos espaços que representavam o bairro e a trajetória da *Turma da Mônica*. Ao final, havia também diversas releituras de obras famosas, um trabalho que Maurício de Souza realiza desde os anos de 1990. De todos os espaços visitados e, claro, devido ao tema da exibição, o FIESP foi onde mais observamos a presença de crianças, onde mais havia possibilidade de interação com a mostra - quase todas as obras expostas podiam ser tocadas e fotografadas e tinha a altura das crianças, por exemplo, e no final da visita ganhamos até uma revista em quadrinhos.

Foi uma longa semana de visitas a espaços culturais, tantas que se fossemos escrever sobre todas, um livro inteiro seria necessário. Muita informação, muita caminhada, e, claro, muitas

reflexões que permeavam nossos pensamentos. Alguns questionamentos como: são espaços visitados por todos? São acessíveis a crianças? Possuem Setor Educativo? Profissionais da área da educação? Não conseguimos responder todas as perguntas, mas reflexões foram postas e este é um dos aspectos proporcionados pela visita em museus: às vezes, saímos de lá com mais perguntas do que entramos.

Referência

SANTOS, Maria Emília. **Bebês no Museu de Arte**: Processos, Relações e Descobertas. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Um museu para guardar na memória

Isabel Gomes

Os dias em Lisboa (Portugal) com meu filho de 3 anos, eu mãe em tempo integral e ele fora da escola, começavam quase sempre com a mesma pergunta: “Mãe, onde a gente vai hoje?”. Se dependesse do Felipe a resposta seria certa: “Vamos ao Pavilhão!”. O Centro de Ciências, que carrega em seu nome a responsabilidade de ser “do Conhecimento”, para o menino era apenas o seu Pavilhão. Eleito o seu lugar favorito em toda Portugal, era onde brincava e se reencontrava com os seus pais. Enquanto se encontrava, conhecia, aprendia e, por que não, se divertia muito.

O nome completo é Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva, um lugar em que há ciência acessível e lúdica para todos os gostos e idades. Logo na entrada de seu prédio imponente, robôs falantes nos recebem em um hall de entrada com pé direito altíssimo. As paredes são cobertas por símbolos matemáticos, números e pontos de interrogação, o conjunto sugere a ostentação de uma ciência de ponta e orgulhosa de seus feitos. Os olhos do menino vibram, atentos. Mesa e cadeiras gigantes, ilusões de ótica pintadas no chão, instrumentos musicais com cordas invisíveis, instigam a curiosidade e convidam à brincadeira. A ciência que deslumbra ao nosso alcance, o menino se anima, pergunta, corre para todos os lados.

Só então entramos de fato. São muitas atrações interessantes, um dia é pouco. Viramos sócios do agora, segundo o menino, “nosso Pavilhão”. Há várias exposições, incluindo muitos experimentos interativos de Física; espaços para criar, experimentar e interagir; exposições temáticas de curta duração e o chamado “Tcharam! Circo de experiências”, pensado especialmente para crianças de 3 a 12 anos. Acho que nem preciso

dizer que era aqui mesmo que o menino se esbaldava, fingindo de construtor em uma casa em tamanho real, pilotando um carro com rodas quadradas ou se deitando na cama de pregos.

Figura 1: Tcharam! Circo de Experiências

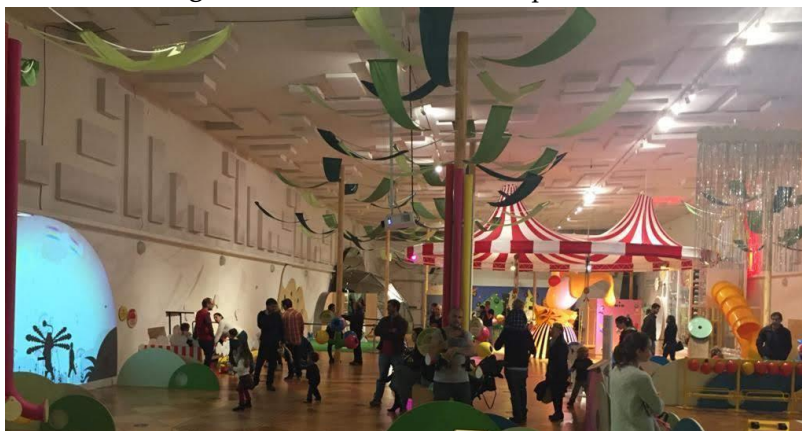


Figura 2: Pilotando um carro com rodas quadradas



Figura 3: Brincando de construtor



Eu, como profissional de museus e cientista que sou, diria que não sei ao certo o que o menino conheceu sobre ciência naquelas visitas todas que fizemos ao nosso Pavilhão. Eu confesso também que não sei quantas foram, sei que ultrapassamos os dois dígitos por muito. Em termos de ciência, não sei contabilizar exatamente o que ficou, mas de afeto e de perguntas posso afirmar, com certeza, que saiu repleto. Eu as vinha respondendo pelo caminho de volta e acho que as respondo até hoje. Na sua memória, daqueles seis meses de muitas novidades e descobertas, incluindo visitas a muitos museus, o que ficou de mais importante para ele foi esse lugar. Passados hoje já alguns anos, quando o menino sente saudades da terrinha é para lá que ele diz querer voltar. Ele quer visitar o seu Pavilhão. E assim, nasce também mais um visitante de museus.

Figura 4: Pavilhão do Conhecimento: um prato cheio



“Olha o que fizeram com o nosso museu”
a experiência no museu como possibilidade da
reflexão infantil

Letícia Vitória

As exposições que acontecem em museus e centros culturais são experiências que marcam a trajetória dos sujeitos que tiveram a oportunidade de contemplá-las. Nessa perspectiva, o texto aqui apresentado tem por objetivo descrever uma experiência vivenciada em uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) da cidade do Rio de Janeiro. O evento aqui apresentado foi fruto de uma observação não programada no espaço museal. Além disso, é feita uma reflexão com fundamentação teórica sobre a presença das crianças em espaços museais.

Em 2019, o CCBB organizou uma exposição intitulada “Museu Nacional vive-Arqueologia do resgate”, composta por itens de peças resgatadas ou danificadas do incêndio do Museu Nacional¹. A exposição gratuita buscava apresentar os danos que as peças sofreram com o fogo e também demonstrar que o resgate dos artefatos estava acontecendo naquele momento.

Diante da proposta do CCBB em 2019, me senti extremamente convidada a frequentar o espaço para contemplar a exposição, pois quando criança tive a oportunidade de frequentar o Museu Nacional por diversas vezes, e era um lugar que eu amava. Lamentavelmente, o incêndio de 2018 encerrou a oportunidade de frequentar, admirar e contemplar tudo que eu poderia desfrutar no Museu Nacional. Nesse sentido, a exposição do CCBB foi a forma encontrada para contemplar, mesmo que reduzidamente, um pouco do que o Museu

¹ **O que se sabe sobre o incêndio no Museu Nacional.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/o-que-se-sabe-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-no-rio.ghtml>>

Nacional me oferecia. Ao chegar na exposição, fui tomada por uma mistura de sentimentos. Muita tristeza, pois o Museu que amava e admirava não podia me receber e abrigar naquele momento, e felicidade ao ver esforços e iniciativas para preservar e lutar para manter as peças do Museu Nacional.

Cada passo que dava era marcado pela intencionalidade de poder desfrutar ao máximo do que o Centro Cultural Banco do Brasil estava me oferecendo. Era muito prazeroso rever peças que eu tinha visto em outros momentos da minha vida e que diante da notícia do incêndio, pensava eu que não existiam mais e tal fato me deixava agoniada. Que alegria inenarrável ver que o resgate aconteceu!

Ao caminhar pela exposição, lendo uma informação que estava na parede, ouço um choro. Era um menino, que chorava muito e dizia para a mulher que o acompanhava *“olha o que fizeram com o nosso museu”*. Diante do choro, uma funcionária do espaço pediu para a senhora que acompanhava a criança que impedisse o choro ou se retirasse do ambiente, pois, conforme sinalizado pela funcionária, a atitude da criança atrapalhava o bom andamento da exposição. Destaco aqui que a exposição naquele momento estava com um público reduzido, e que ninguém se dirigiu à funcionária para reclamar. Apesar das tentativas, a criança continuava chorando e repetia a frase: *“olha o que fizeram com o nosso museu”*. Ao olhar para as peças, o menino dizia *“isso é um pesadelo, eu amava tanto aquele museu. Não pode ser”*.

Diante da situação fiquei totalmente comovida e refletindo: realmente a exposição proposta fazia o público reviver o Museu Nacional, mas, ao mesmo tempo, trazia lembranças do acontecimento e também dos danos que aconteceram como resultado do incêndio. Fui provocada a fazer algumas reflexões diante daquela situação: as crianças não têm o direito de expressar suas emoções em uma exposição que as afeta? Por que a funcionária do espaço se dirigiu à senhora que acompanhava a criança? Por que não falou com a criança?

Cabe aqui destacar que não tenho a pretensão de esgotar as respostas das questões suscitadas, visto que é uma discussão ampla sobre a relação entre infância e museu, e outros aspectos, mas quero apresentar algumas reflexões com fundamentação teórica.

As crianças, por muitas vezes, e em inúmeras situações e contextos, tiveram seus direitos negados e não foram consideradas como sujeitos ativos, participantes e produtores da cultura. Nessa perspectiva, no contexto brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante o acesso à cultura. Dessa forma, frequentar o museu é um direito garantido por lei. Ressalto que o contato com a arte impacta o indivíduo e, em conformidade com Lopes (2019, p. 32), “a reação estética resultante da experiência com a arte decorre do aspecto que ela não é apenas uma descarga no vazio, possui efeito social” (p. 32). Sendo assim, a reação do menino na exposição foi resultado da experiência com a arte, visto que “a arte exige resposta, motiva atos e atitudes.” (LOPES, 2019, p. 32). Nesse sentido das reações ao que se contempla, afirmo que as crianças possuem o direito acesso à arte. Além disso, é importante expressarem os próprios sentimentos em relação ao que contemplam e ao que as afeta.

Reflico sobre o que levou a funcionária do espaço em questão a dirigir-se à senhora que acompanhava a criança e não diretamente à criança. Uma criança não é capaz de ouvir e entender? Qual será a concepção de infância que perpassa a pessoa que trabalha no museu e atende diversos públicos, inclusive, obviamente, crianças? A criança é um sujeito com capacidade de escutar, refletir, entender. Primeiramente, destaco que o choro pode ter incomodado muito mais a funcionária do que o público e o “bom andamento da exposição”, visto que ninguém foi até a colaboradora do CCBB reclamar da situação. Destaco aqui a falta de preparo da funcionária para lidar com a criança, evidenciando assim um fato apontado por Lopes (2019) em sua pesquisa: ou seja, existe um despreparo dos funcionários do museu para lidar com a infância presente nos espaços. Além disso, a atitude da funcionária

demonstra que ela não compreende os museus como espaços que precisam ser acolhedores.

A partir das questões aqui apresentadas, afirmo que é de suma importância que a criança tenha acesso à cultura e que suas experiências e reações sejam asseguradas. Nessa perspectiva, também ressalto a necessidade de os funcionários dos museus terem uma formação para atuar com o público infantil para não impedir que as experiências construídas no espaço museal sejam realizadas. Conforme sinalizado por Kramer e Carvalho (2012), é necessário, que os espaços museais estimulem o contato e a sensibilidade sobre as temáticas apresentadas, sem qualquer forma de cerceamento.

Referências

KRAMER, Sonia; CARVALHO, Cristina. Dentro e Fora do Museu: de ser contemplador, colecionador, mediador. In: SANCHES, Janaína; SANTOS, Marcos Ferreira; ALMEIDA, Rogério (orgs.). **Arte, Museu e Educação**. Curitiba, Paraná: CRV, 2012.

LEITE, Maria Isabel. **Museu, criança e brincadeira: combinação possível?** In: ALMEIDA, M. T. P. O brincar e a brinquedoteca: possibilidades e experiências. Fortaleza: Premium, 2011

LOPES, Thamires Bastos. **Outras formas de conhecer o mundo : educação infantil em museus de arte, ciência e história**. 2019.

G1. O que se sabe sobre o incêndio no Museu Nacional. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/o-que-se-sabe-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-no-rio.ghtml>> Acesso em:18/10/2020

Reflexões de um espectador em trânsito

Leonardo Minervini

Avenida Buenos Aires, Centro do Rio de Janeiro. Pausa no expediente para o horário de almoço e a rotina semanal se repete. Um grupo de jornalistas, produtores culturais e designers, colegas de empresa, formam suas aglomerações diárias que se sucedem, ora na sala de trabalho, ora no elevador, ora na fila do restaurante a quilo, de volta ao elevador, enfim, novamente na sala de trabalho. Sem uma regularidade específica, talvez três ou quatro vezes por mês, a rotina era quebrada por um tema de interesse compartilhado por todos: as visitas aos museus.

Em abertura de exposições normalmente marcávamos presença no Centro Cultural Banco do Brasil, também frequentado regularmente para visitas despreziosas ou para um café da tarde. O Centro Cultural dos Correios também estava no roteiro dos *vernissages*, já que era comum nos apropriarmos de convites que chegavam à nossa empresa sem a indicação nominal de um representante. Em ocasiões como essas nos arrumávamos além da casual roupa de trabalho, afinal éramos visitantes convidados e isso nos conferia um sentimento especial, sobretudo, quando as visitas terminavam com um generoso coquetel. Gostávamos de acreditar que a nossa presença nesses eventos era não só esperada, como também desejada. Neste caso, aceito de bom grado o rótulo de ingênuo, desde que o paradoxo da ingenuidade consentida seja conveniente à liberdade de produzir narrativas próprias, conferindo sentido às experiências. Fato é que nos sentíamos prestigiados, não no sentido de sermos melhores do que outros, mas por acreditarmos que de alguma maneira a experiência que iria ocorrer na relação entre a obra de arte, a mediação e o espectador

também dependesse de nós, afinal, éramos individualmente e coletivamente parte integrante daqueles momentos.

Caminhar pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro explorando sua história nos meandros do corredor cultural é por si só uma experiência. Os prédios estão lá. Parece que sempre estiveram. Estabelecemos vínculos por meio de memórias afetivas com cada um desses espaços que transformavam nossos cotidianos. Em dias comuns, no mesmo quarteirão percorríamos a Avenida Presidente Vargas para chegar ao CCBB, atravessando a rua Visconde de Itaboraí entrávamos no CCC e no retorno à Avenida Buenos Aires caminhávamos pela Avenida Presidente Antônio Carlos para uma rápida visita ao Centro Cultural da Justiça Eleitoral. Nos dias em que o tempo permitia dilatar o horário de almoço, ousávamos andar pela Avenida Rio Branco até a Caixa Cultural, retornando quase duas horas atrasados às tarefas do trabalho, porém renovados por tudo que a arte nos proporcionara. Invariavelmente as caminhadas eram interrompidas, seja pelas performances de artistas de rua, pelo interesse em algum comércio ou pelos milhares de transeuntes que se entrecruzavam, todos atrasados em seus compromissos.

Nos finais de semana o roteiro poderia ser repetido, desta vez com a família ou com outros amigos. Mesmo que a exposição já fosse conhecida, a experiência jamais era a mesma. Novos cheiros, sentimentos e memórias eram percebidos e inventados, transformando tudo novo de novo. Aliás, são essas possibilidades que me cativam na experiência da fruição. Saber que estarei em contato com algo que desconheço, assim como desconheço o que o desconhecido provocará em mim.

Sou daqueles visitantes que vez ou outra aguarda silenciosamente ao lado de um grupo de pessoas para ouvir atentamente os comentários, como quem quer dialogar a partir das diferentes estéticas da recepção. Gosto de observar as narrativas elaboradas pelos curadores, tanto o que está explicitado no texto de abertura quanto o que está oculto, fruto da subjetividade presente em qualquer processo de escolha. Desperta meu interesse também

a expografia, sobretudo, aquelas que contam com espaços não lineares, dos quais podemos criar nossos próprios circuitos e, assim, descobrir o que está por vir aos poucos, obra a obra, amando mais a trama do que o desenlace, como versa Jorge Drexler¹. Saber que para realizar uma exposição são necessárias muitas pessoas envolvidas me faz pensar no papel singular que cada um desses agentes desempenha, desde a curadoria até a montagem, da comunicação visual à produção, do artista ao público. Entendo-me, assim, como um espectador ativo, mesmo que minha interação não seja física com a obra de arte.

No momento, narrar acontecimentos prosaicos como esses exige que os verbos sejam conjugados no pretérito imperfeito. O biênio 2020-2021 é uma espécie de presente distópico daqueles criados pela literatura de Albert Camus² e George Orwell³. Quando Cazusa, cantor, compositor e poeta brasileiro, declarou que seu prazer havia se tornado risco de vida jamais pensaríamos que a frase poderia ser utilizada em outro contexto, como por exemplo ao hábito de frequentar museus, teatros, casas de espetáculos, bibliotecas, enfim, conviver coletivamente por meio da arte.

Um ano e meio vivendo a realidade fundamentalmente necessária do isolamento social causado pela pandemia do Covid-19, mantive-me afastado das visitas presenciais aos museus e centros culturais. A rotina abruptamente interrompida realçou a certeza de que a arte é essencial em nossas vidas. Em apenas uma ocasião durante esse período houve uma exceção, que relatarei a seguir.

Em outubro de 2020 a Pinacoteca de São Paulo iniciou a exibição da exposição *OSGEMEOS: Segredos*, dos artistas e irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo. Por ocasião de encontros familiares, estive em São Paulo em maio de 2021 e me senti disposto e confiante nos protocolos de segurança apresentados pelo museu para realizar a visitação. Foram muitas as tentativas de efetuar o

¹ Cantor e compositor contemporâneo, nascido em Montevideú, Uruguai.

² Foi um escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta franco-argelino.

³ Foi um escritor, jornalista e ensaísta político inglês, nascido na Índia Britânica.

agendamento na internet, mas a imensa procura do público, somada à redução da capacidade de visitantes, frustraram meus planos iniciais. No entanto, na mesma ocasião a Pinacoteca estava exibindo outras três mostras interessantes: *Fayga Ostrower: Imaginação tangível*, *José Damasceno: Moto-contínuo* e *Orgulho e resistências: LGBT na ditadura*. Para estas, o ingresso foi facilmente obtido, gratuitamente, no site da instituição.

Fazia um dia ameno em São Paulo, daqueles em que os paulistanos caminham pelas ruas de camiseta e os cariocas, como eu, precisam de casaco. Segui rigorosamente o novo protocolo: agendamento prévio no site, ingresso impresso, chegada ao museu com antecedência de 30 minutos, máscara e álcool em gel. A sensação era difusa, sentia que estava me reconectando a um antigo hábito, mas ao mesmo tempo parecia que estava vendo tudo pela primeira vez. Fato é que o olhar estava mais atento, analisando tudo que se transformara naquele velho conhecido programa cultural.

Logo ao chegar, observo algo que representa bem como a sociedade tem tido a capacidade de normalizar o absurdo, talvez como estratégia de sobrevivência ou por alienação, enfim, esse seria um assunto para uma outra reflexão. Na entrada da Pinacoteca havia um cavalete que orientava os transeuntes a terem cuidado com o celular e com a câmera fotográfica devido ao alto índice de assaltos. Aguardando alguns poucos minutos na fila percebi que a frase no cavalete era apenas o início de uma gradação de fatores que mostram como precisamos nos reconectar com valores essenciais para a vida em sociedade. Havia 22 pessoas aguardando para entrar no museu, todos brancos, quando um homem negro, carregando uma bandeja com balas e doces, ultrapassou a divisória entre a calçada e o portão do museu e, antes de ter qualquer oportunidade de se manifestar, foi interpelado pelo segurança, também negro, que exigiu sua retirada do local. O homem respeitosamente se dirigiu ao funcionário que o mandava embora e pediu informações sobre uma das exposições em cartaz na Pinacoteca, cujo título é *Enciclopédia negra*, mostra que exhibe obras de representações de personalidades negras invisibilizadas,

apagadas ou nunca registradas ao longo da história brasileira, marcadamente racista. O ocorrido estava, evidentemente, em descompasso com os valores éticos e estéticos tão fundamentalmente colocados em destaque pelo museu, mas escancara o tamanho do desafio que as instituições culturais devem assumir por meio de seus programas educativos, de mediação e formação, ações que ratificam a relevância e o papel essencial dos museus na promoção de práticas voltadas à sensibilidade, alteridade, respeito, empatia, representatividade e inclusão na busca por uma sociedade mais justa. Foram cerca de 10 minutos aguardando a abertura do museu, quando fui orientado por uma das funcionárias que a exposição para a qual eu havia retirado meu ingresso estava em exibição na Pinacoteca Estação, onde está situado o Memorial da Resistência de São Paulo. Caminhei pela Praça da Luz até o Largo General Osório, uma distância de aproximadamente 500 metros. No trajeto até entrar na Pina Estação compreendi que o risco de furto era um eufemismo para o quadro social da região. Parecia que existiam dois mundos: o dentro e o fora do museu, e seria impossível falar apenas do primeiro. O engajamento e o pensamento crítico fomentados pelas abordagens das exposições contrastavam com a negligência de um entorno absolutamente abandonado. Enquanto o interior da instituição museológica se configurava como o mundo do conforto, da ludicidade e da segurança, lugar onde se é permitido sonhar, a rua representava a realidade extrema oposta, marcada por caos, insegurança, degradação e desumanidade. Um cenário que mais se assemelha a um território de guerra, situação que jamais deveria existir em nenhum lugar, sobretudo em uma região que abriga instituições de referência para a cultura, como o Museu da Língua Portuguesa, a Pina Luz e a Pina Estação, a Sala São Paulo, a EMESP Tom Jobim e o Complexo Cultural da Funarte.

Sem dúvidas, as obras de Fayga Ostrower, José Damasceno e a exposição *Orgulho e resistências: LGBT na ditadura* são excepcionais, mas neste caso elas ocuparam segundo plano na experiência que vivi. A visita presencial à Pinacoteca foi um breve

hiato em tempos de pandemia. Por enquanto, tenho vivenciado novas experiências de visitaçãõ aos museus e fruições artísticas em formato virtual, mas isso também é tema para uma outra digressão.

A rosa do deserto: uma visita ao Museu Nacional do Catar

Luísa Andries

1º de fevereiro de 2020. A Organização Mundial de Saúde ainda não havia classificado o surto de Covid-19 como uma pandemia. Eu voltava de uma viagem de férias e, antes de pousar no Brasil, realizei uma escala de um dia em Doha, capital do Catar. Dentre as atrações e pontos turísticos que a cidade oferecia aos seus visitantes, optei por conhecer o Museu Nacional do Catar (MNC). Cheguei ao local de metrô, já que havia uma estação com seu nome, localizada bem em frente à sua entrada.

O MNC chama atenção antes mesmo de pisarmos dentro dele. É uma construção impressionante, localizada próxima ao porto de Doha, de frente para o mar. Jean Nouvel, um dos maiores nomes da arquitetura contemporânea, foi o responsável por transformar um antigo palácio e sede do governo em uma obra arquitetônica de 40 mil metros quadrados. O MNC apresenta um tom areia e tem seu design inspirado na rosa do deserto, uma formação rochosa encontrada nas regiões mais áridas do Catar. Suas paredes são irregulares e o prédio apresenta variados níveis, curvas e ângulos que oferecem uma sensação de movimento para quem caminha por suas galerias.

Foto aérea do Museu Nacional do Catar.



Autor: Iwan Baan

Museu Nacional do Catar visto de fora.



Fotos da autora.

O museu foi inaugurado em 2019 e tem como objetivo contar a história do Catar e de seu povo. O MNC se propõe a oferecer uma experiência interativa e imersiva, direcionada para um público com pessoas de diferentes idades. Além disso, há uma preocupação com o meio ambiente que conferiu à construção um selo internacional de sustentabilidade. Por último, também destaco um compromisso com a acessibilidade da exposição, como a utilização de rampas, elevadores, obras em altura acessível a cadeirantes e, até mesmo, áreas destinadas a deficientes visuais, onde é possível conferir textos em braile e objetos que oferecem uma experiência tátil.

Catar: passado, presente e futuro

Projeções nas paredes



Fotos da autora.

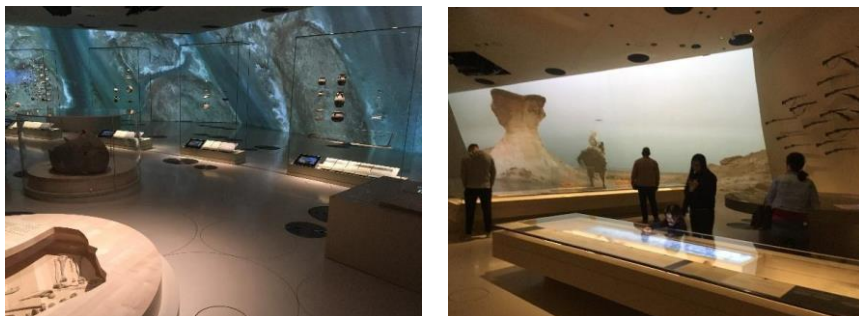
Na ocasião em que visitei o museu, havia uma única exposição, dividida em três grandes “capítulos” que, somados, ocupavam onze galerias em um trajeto de, aproximadamente, 1,5km. A exposição, que é apresentada em árabe e inglês, tem seu roteiro pensado cronologicamente. As paredes sinuosas do museu são utilizadas para projetar inúmeras imagens e vídeos em tamanhos imponentes, o que confere ao público uma riqueza de detalhes, além de transmitir a sensação de estarmos dentro daquele universo.

O primeiro capítulo, batizado de Beginnings (“Começo”), trata da história natural do Catar: formação do deserto, adaptação e evolução da vida animal e vegetal. Réplicas de animais também ocupam as galerias. A maioria requer certo distanciamento para ser observado, mas a sessão para deficientes visuais possibilita que este público toque nas réplicas e percebam características físicas dos animais. As crianças que visitavam o museu e a professora aqui também não perderam a chance de explorar os bichos através do tato.

No segundo capítulo (Life in Qatar – “Vida no Catar”), o foco é a vida humana: a forma como a população catari vivia antigamente no deserto e na costa do país, como as pessoas se orientavam no deserto, do que se alimentavam, as embarcações que realizavam comércio marítimo e desbravavam os mares em busca de pérolas. Enquanto a maioria das paredes do museu está sendo utilizada para as projeções,

o acervo da exposição – formado por objetos, imagens, documentos – é apresentado no centro das galerias, parte em vitrines transparentes, parte em balcões ao alcance de crianças.

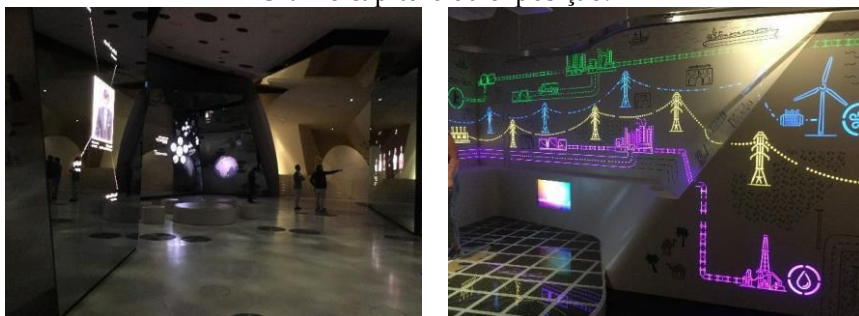
Acervo em vitrines e balcões



Fotos da autora.

O terceiro capítulo Building the nation (“Construindo a nação”) trata da vida atual no Catar e do crescimento econômico de sua economia, baseada na extração de petróleo e gás natural. O foco aqui são as novas tecnologias que atravessam a vida contemporânea da população. As galerias, que já esbanjavam recursos tecnológicos, se tornam ainda mais modernas e com um aspecto quase futurístico.

Último capítulo da exposição.



Fotos da autora.

Terminado o percurso pelas galerias, o MNC ainda oferece na área externa uma espécie de cidade cenográfica, representando

uma Doha antiga. Além da arquitetura própria da época, é possível entrar em algumas construções e conhecer como eram seus interiores. Um dos prédios no qual essa exploração é possível, trata-se de uma escola catari que existiu entre 1913 e 1938 e que ensinava às crianças matemática, árabe e conhecimentos do alcorão.

Área externa do museu e réplica de uma escola antiga.



Fotos da autora.

Crianças no museu

Como realizei minha visita em um sábado e durante as férias, não encontrei nenhum grupo escolar no museu, apesar de haver menção a projetos educativos na programação entregue na entrada do museu e outras informações no site. Mesmo assim, o museu estava repleto de crianças que, aparentemente, visitavam a exposição com suas famílias. Até aqui, apresentei nesse relato o museu e a exposição como um todo, sem me deter no público infantil. Propositalmente, guardei esse aspecto para o fim, pois, na minha opinião, a forma como o MNC foi preparado para receber as crianças merece considerável destaque.

Primeiramente pela já mencionada acessibilidade das obras. Todas as imagens, objetos e textos são apresentados em um plano mais baixo, ao alcance da visão de crianças pequenas de 3 ou 4 anos, pelo menos. Além disso, o que mais me chamou a atenção é que havia áreas próprias para as crianças ao longo da exposição. Áreas. No plural. A cada uma ou duas galerias, havia uma área destinada

às crianças que dialogava com a exposição, trazendo informações e experiências lúdicas. O objetivo das áreas não parecia ser retirar as crianças da “exposição dos adultos”, pelo contrário, exposição e área infantil estavam conectadas, sem quaisquer limites físicos (cercas, portas ou outros tipos de barreiras). Crianças e adultos circulavam em ambos os espaços, sendo convidados a explorar os temas da exposição a partir de diferentes linguagens e perspectivas.

A primeira área infantil que encontrei no percurso abordava o tema da vida natural no Catar, com ênfase nos animais terrestres e marinhos. As crianças eram convidadas a “se tornarem biólogos” (nas palavras da própria exposição) a partir de três brincadeiras. Na primeira, havia uma mesa com insetos protegidos por um vidro e, ligada a essa mesa, havia uma espécie de microscópio o qual a criança podia movimentar livremente para focar em determinado inseto. Uma tela apresentava desafios para as crianças solucionarem, como “encontre cinco animais de oito patas”.

Crianças exploram a vida natural do Catar.



Fotos da autora.

Havia também um jogo sobre a adaptação dos animais com o passar do tempo. A criança ia colocando fichas em uma máquina para, primeiramente, escolher a estrutura de uma ave, um peixe ou um mamífero e, em seguida, acrescentar suas características adaptativas – hábitos noturnos para fugir do calor do sol, pernas longas para poder andar nas areias do deserto etc.

A terceira brincadeira dessa galeria envolvia explorar as plantas e os diferentes cenários do Catar (deserto arenoso, rochas, mar e costa). Em um computador, a criança podia escolher alguma das plantas disponíveis e ter acesso a informações sobre ela e, em seguida, inseri-la no ambiente mais adequado a ela. Também era possível desenhar suas próprias plantas ou misturar as fotos realistas com os desenhos. Após terminar a atividade, seu desenho era projetado na parede do museu. Além dessas propostas, havia também animais de pelúcia escondidos embaixo dos bancos e que, quando puxados, emitiam som e luzes. Pela altura, me pareceu que fossem destinados às crianças menores e bebês que engatinham. Essa estratégia de “esconder” objetos relacionados à temática em altura próxima ao solo também foi percebida em outras áreas infantis.

Na área infantil seguinte, relacionada à vida antiga no Catar, as crianças eram convidadas, dessa vez, a se tornarem arqueólogas. A partir de computadores e telas sensíveis ao toque, elas desenterravam objetos e reconstruíam utensílios quebrados, buscando conhecer como as pessoas de outra época viviam e se comportavam. Mais adiante, um outro espaço convidava as crianças a explorarem a



Crianças brincam de deixar seus rastros. Foto da autora.

vida no deserto. Como as pessoas faziam para não se perder naquela longa paisagem de areia? Nessa área, as crianças brincavam de se localizar a partir das estrelas e de seguir rastros atrás de animais. Aliás, não havia só pegadas de bichos: as crianças também podiam deixar suas próprias marcas no museu.

Em outra área, as crianças foram apresentadas ao seu país quando ainda não havia eletricidade e outros recursos tecnológicos. Além de brincar de descobrir os “precursores” do GPS, do carro e do celular, o público infantil era desafiado a pegar água em um poço. Uma projeção na parede informava quantas vezes a criança precisava içar o balde para garantir água suficiente para um banho, por

exemplo. Apesar do museu esbanjar tecnologia de última geração, não somente de computadores e telas era feita a área infantil. As crianças também podiam explorar uma estrutura de tecer os famosos tapetes da região, além de brincar livremente de casinha com utensílios antigos para preparar um tradicional café árabe.

Brincadeiras com a vida antiga no Catar.



Fotos da autora.

Na galeria que tratava da exploração marítima e da busca por pérolas, as crianças podiam navegar pelos mares do Catar, desviando de animais marinhos e procurando pelas conchas que continham gemas preciosas. Dentre os jogos interativos que esbanjavam tecnologia digital, novamente, um cantinho sem telas. Utensílios de cozinha convidavam as crianças a assarem peixes na brasa e improvisarem uma refeição acompanhada de tâmaras e arroz, inspirados nos costumes da tripulação daquela época.

Área infantil com jogos envolvendo navegação,
pesca e busca por pérolas.



Fotos da autora.

Por fim, cheguei ao final da exposição, onde o público conhecia o que o Catar se tornou após seu desenvolvimento econômico nas últimas décadas. A área pensada especialmente para as crianças era altamente tecnológica e tratava das diferentes fontes de energia presentes no país, como a eólica, a solar, além da exploração de combustíveis, como o petróleo e o gás natural. Em um dos jogos, as crianças selecionavam objetos através de um leitor de código de barras e descobriam como diferentes utensílios cotidianos tinham o petróleo em sua confecção. Mais uma vez, brinquedos na altura de bebês e crianças pequenas, convidavam os menores a brincar de produzir energia, acendendo luzes ao girarem um volante ou ligando um ventilador através do movimento de uma alavanca.

Jogos sobre produção e fontes de energia.



Fotos da autora.

Considerações finais

Durante a minha visita ao MNC, me deparei várias vezes pensando nas pesquisas de Carvalho e Lopes (2013; 2016; 2019). Em suas investigações, as pesquisadoras apontaram a falta de preparo e desconhecimento de alguns museus e centros culturais no que tange à recepção do público infantil e suas especificidades.

Essa falta de inclusão efetiva das crianças nos museus e centros culturais decorre do desconhecimento das especificidades desse público pelos profissionais que desenvolvem as ações educativas. Mesmo os espaços museológicos que se abriram para o público infantil, muitas vezes, não compreendem e acolhem as especificidades do trabalho educativo com crianças. Regras como não mexer, não falar, não correr, não comer, não beber, não ultrapassar as faixas de proteção, não brincar, dentre outras, configuram-se como a tônica que permeia as incursões das crianças nos museus (LOPES, 2019, p. 95).

Muito diferente do que foi observado nessas pesquisas, mesmo não tendo observado visitas escolares e a atuação direta de mediadores do setor educativo, o MNC pareceu assumir um compromisso com o acolhimento das crianças em seu espaço e com um olhar sensível para esse público.

O primeiro aspecto que merece destaque é que existam áreas pensadas para as crianças. Diferente de instituições que não sabem o que fazer com criança ou que acreditam que o museu não é um espaço para os pequenos, o MNC se dedicou a preparar ambientes voltados para o público infantil de forma a atraí-los para o museu. Além de serem variados os espaços, eles são distribuídos ao longo da exposição, o que indica que a ideia não é afastar as crianças da exposição, mas inseri-las.

É comum escutarmos relatos de visitas escolares em que as crianças foram levadas para outro espaço, fora da exposição, para conversarem, brincarem e serem entretidas, resguardando o lugar da exposição como algo sério, silencioso e livre de crianças. Carvalho (2016) denomina essa prática como “pedagogia da visita”, quando há uma orientação do trabalho desenvolvido pelos

educadores museais de realizar com as crianças atividades variadas, porém fora do espaço da exposição e, inclusive, inviabilizando o contato com o acervo.

No caso do MNC, os espaços destinados às crianças estão inseridos ao longo da exposição, o que faz com que o público infantil também percorra as galerias e aprecie a exposição como um todo. Aliás, mesmo as galerias que não eram voltadas especificamente para as crianças, se mostraram acessíveis e convidativas aos menores. A altura dos objetos, os vidros transparentes, que garantiam a conservação das peças, sem afastar os olhares curiosos das crianças: tudo parecia pensado para incluir o público infantil.

Por último, destaco a forma como a infância foi compreendida pelos idealizadores do MNC. A organização do espaço e a escolha e disposição dos jogos e brincadeiras denotavam certo conhecimento acerca do universo infantil. Eram atividades lúdicas que, longe de subestimar as crianças, provocavam a criatividade, a observação e o espírito investigativo. As crianças eram convidadas a atuar como biólogos, arqueólogos, cientistas e historiadores, compreendendo e valorizando o trabalho da equipe por trás do museu, além de também se sentirem parte daquele espaço e sujeitos ativos na construção de seu conhecimento.

Outro aspecto importante que demonstra um olhar diferenciado sobre a infância foi a oferta de materiais para as crianças menores e para os bebês. Muito diferente do que foi apontado na pesquisa de Carvalho (2013), em que mediadores de espaços museais demonstravam impaciência com esse público ("Criança menorzinha... ninguém merece!"), no MNC os menorzinhos foram lembrados, acolhidos e convidados a interagir com a exposição.

Por último, destaco a natureza das propostas voltadas para as crianças. Apesar do museu ser bastante avançado em termos de tecnologia, os jogos não eram do tipo em que as crianças observam passivamente uma tela por horas, inertes. Eram jogos bastante interativos, que exigiam, em sua maioria,

movimentações corporais e pelo espaço, e ainda havia brinquedos físicos, não-virtuais, para as crianças brincarem livremente e criarem suas próprias narrativas e regras.

Analisando tudo o que foi observado e exposto, considero muito positiva a experiência de conhecer um museu tão receptivo ao público infantil. Quando consultei a página do MNC, buscando mais informações sobre o setor educativo, encontrei, além de programas voltados para professores e para crianças de todas as idades, um manifesto sobre a presença de crianças no museu (“Kids in Museums”¹). Neste documento, o MNC se compromete a oferecer uma experiência imersiva ao seu público, independentemente da idade. A intenção aqui não é a de propagandear um museu específico ou colocar o MNC como um exemplo a ser seguido à risca: os museus e centros culturais são plurais e únicos em seus acervos, territórios, temáticas e objetivos. No entanto, acredito que compartilharmos experiências positivas de crianças nos espaços museais e esta é uma forma de defender a presença desse público nos museus e pressionar seus dirigentes e equipes a se capacitarem e adequarem seus espaços e exposições para acolher os menores. O público infantil pode e deve frequentar esses espaços, ter contato com seu acervo e desfrutar da experiência estética. Museus e crianças só têm a ganhar com o estreitamento dessa relação.

Referências

CARVALHO, Cristina. **Criança menorzinha...ninguém merece!** – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia & ROCHA, Eloísa Candal (orgs.). Educação infantil: enfoques em diálogo. São Paulo: Papirus, 2013.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris Bastos. O público infantil nos museus. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016.

¹ Para mais informações sobre o manifesto, acessar <https://kidsinmuseums.org.uk/>

CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

LOPES, Thamiris Bastos. **Outras Formas de Conhecer o Mundo: Educação Infantil em Museus de Arte, Ciência e História**. Tese (Doutorado). 2019.

NATIONAL MUSEUM OF QATAR. Disponível em: <<https://www.nmoq.org.qa>> Acessado em: 14 jun. 2021.

QATAR MUSEUMS. Disponível em: <<https://www.qm.org.qa/en>>. Acessado em: 14 jun. 2021.

Egito Antigo: do cotidiano à eternidade

Maria Clara Duarte

O hábito de deixar as coisas para a última hora não é uma exclusividade do brasileiro, mas com certeza já se tornou parte do nosso cotidiano. E como brasileira e carioca, quando se trata de determinadas situações, esse é um hábito que ainda não consegui mudar. Assim, provavelmente, foi devido a este hábito, entre outros motivos, que deixei para ir à exposição “Egito Antigo: do cotidiano à eternidade” na sua última semana em cartaz e última de férias escolares. O que me garantiu o estresse de praticamente quatro horas de fila, com direito ao calor e à chuva.

Confesso que se não fosse pela determinação e persistência da minha filha, teria desistido quando começaram a cair as primeiras gotas de chuva. Movida por um repentino interesse pelo Egito Antigo ou devido ao “tédio” das férias, ela se negava a partir em retirada e imersa na leitura de um novo livro, a cada hora na fila, nos dava a impressão de estar apenas há uns dez minutos em pé.

Sucesso de público e em cartaz no Centro Cultural do Banco do Brasil da Cidade do Rio de Janeiro, a exposição bateu um recorde histórico da instituição no Rio de Janeiro: um milhão de pessoas¹ passaram pelo CCBB para ver as obras desde o dia 12 de outubro de 2019, quando a exposição foi inaugurada. Quem circula pela região não chegou a se surpreender, já que as filas para a exposição eram constantes desde o ano anterior. Antes dessa exposição, Salvador Dalí (2014) detinha o recorde de maior procura, com 978 mil visitantes.

Planejada como um dos eventos comemorativos dos 30 anos do CCBB, a exposição “Egito Antigo: do cotidiano à eternidade”,

¹ Exposição 'Egito Antigo' bate recorde e leva mais de um milhão de visitantes ao CCBB do Rio, em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/01/16>

além de belas peças de arte, mostra, por meio do estilo, dos materiais, dos recursos técnicos disponíveis e, especialmente, das referências usadas, aspectos da cultura e da religiosidade no Egito antigo em um período que vai de 4 mil a 30 anos antes de Cristo. O acervo é composto de 140 peças trazidas do Museu Egípcio de Turim (Museo Egizio), na Itália, e mais 89 de outras coleções.

A exposição teve curadoria de Paolo Marini, curador profissional ligado ao museu italiano e Pieter Tjabbes, cuja carreira como curador o levou à gerência internacional da Bienal de São Paulo.

Aspectos da historiografia geral do Egito antigo são apresentados de forma didática e interativa, por meio de esculturas, pinturas, amuletos, objetos cotidianos e litúrgicos. Também fazem parte da mostra, um Livro dos Mortos em papiro, sarcófagos, múmias de animais e uma múmia humana.

A exposição foi dividida em três seções: vida, religião e eternidade. Cada uma apresenta artefatos arqueológicos específicos, contextualizado por meio de coloração e iluminação projetadas para provocar efeitos perceptuais, simbólicos e evocativos. As cores escolhidas foram: amarelo para a seção da vida cotidiana; verde para a religião e azul para as tradições funerárias, tendo sido utilizadas diferentes intensidades de iluminação (brilhante, suave e baixa). A mostra também contou com uma seção interativa, com um vídeo 3D de monumentos que permite percorrer lugares no Egito antigo, além de atividades lúdicas, como escrever o nome em hieróglifo e tirar fotos com a esfinge e o faraó.

Os vídeos possuem tradução em Libras. Além disso, em todas as salas há elementos para serem tocados de maneira a favorecer o acesso às obras para pessoas com deficiência visual.

Além destes aspectos de acessibilidade, me chamou atenção, ao pesquisar a repercussão da exposição, o apoio dado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro através da oferta de transporte para as escolas públicas.

A cenografia apurada, os artefatos expostos e os recursos interativos proporcionam não só uma “viagem no tempo”, mas

principalmente uma experiência estética e simbólica que atribui significado ao conhecimento disponibilizado pelas informações sobre o cotidiano e religiosidade de uma das mais interessantes civilizações da História da humanidade.

Por outro lado, dois aspectos dessa experiência me trouxeram reflexões sobre algumas questões que envolvem as megaexposições. Um deles era a obrigatoriedade de seguir o percurso expositivo devido ao grande fluxo de visitantes. Na entrada da exposição e nas demais salas os funcionários informaram aos espectadores que não era permitido voltar para uma sala já vista. O retorno para rever um artefato, vídeo ou reler informações era categoricamente impedido como forma de garantir o fluxo dos visitantes, o gerenciamento do tempo de visita e conseqüentemente a fila de entrada. Outro, diz respeito a determinadas instalações interativas pensadas para tirar selfies, como a esfinge e a pirâmide. Além das selfies, as fotos foram uma constante durante a exposição. Assim, em meio à leitura de um texto ou apreciação de um artefato foi preciso compartilhar o espaço e aguardar pacientemente que visitantes concluíssem seus registros fotográficos.

Esses aspectos têm sido constantes em exposições desse porte e me fizeram refletir a respeito do processo de democratização do acesso à cultura e à arte por elas proporcionadas.

Definir o que caracteriza uma megaexposição não é tarefa simples, no entanto, pode-se afirmar, que, além do grande número de visitantes, o que as diferencia das exposições “convencionais” é o fato de serem temporárias e possuírem acervo, curadoria e patrocínio próprios. Nesse sentido, “Egito Antigo: do cotidiano à eternidade” e outras exposições “blockbuster” que vieram ao país, apresentam uma característica comum: os curadores não fazem parte do quadro de profissionais do museu que a recebeu, mas são especialistas no tema da mostra contratados com o específico fim de produzi-la. Assim como são também itinerantes e viajam por diversos países.

Mas será, a resposta de público (recordes de visitantes) um reflexo da democratização de acesso à cultura?

Estudiosos que pesquisam o assunto, profissionais de museus e críticos de arte procuram explicar o aumento do público pela propaganda maciça e pelos interesses empresariais envolvidos. A ampla divulgação da mídia sobre as novas exposições, principalmente as de arte, seria responsável pelas crescentes filas que se constituem na frente dos museus brasileiros nos últimos anos.

Sem dúvida, a mídia tem dado grande destaque às novas exposições e esta é uma crítica importante, pois muitas delas são patrocinadas por empresas públicas e privadas e grande parte do patrocínio privado é possível graças ao incentivo dado pelo Estado a investimentos na área da cultura (Lei Rouanet).

Outras questões também surgem com o sucesso obtido pelas novas exposições. Que tipo de obras chega aos museus brasileiros e que possibilidade tem o público de contemplá-las a partir de seu valor estético? Para alguns se trata da mercantilização e banalização da cultura e da arte, enquanto para outros da sua tão esperada desaturação e democratização.

Segundo Adorno (Adorno & Horkheimer, 1985), uma obra de arte, para ser percebida apropriadamente, precisa ser contemplada de forma desinteressada, destituída de roteiros, normas e antecipações. O significado de uma obra de arte não pode ter seu conteúdo totalmente traduzido, pois ele se abre a infinitas interpretações. A reconciliação entre a subjetividade de quem contempla e a obra de arte nunca é completa e este encontro não pode ser predeterminado.

Para aqueles que pensam as obras expostas pelos museus como possibilidade de encontro e prazer estético, as novas exposições, que contextualizam, traduzem e explicam para um grande público um conteúdo definido, podem resumir-se a “espetáculos” culturais destituídos de valor estético.

Por outro lado, embora em sua maioria, as megaexposições sejam muito informativas e atendam um grande número de pessoas a partir de uma “tradução” prévia realizada por

especialistas e, as obras nela expostas, dificilmente promovam uma “livre” contemplação, elas possuem a capacidade de propiciar experiências diversas aos visitantes.

Não foi meu propósito aqui esgotar esse tema, mas sim compartilhar para uma possível e futura análise, o questionamento que me fiz após a experiência vivenciada.

Enfim, muitas exposições mudaram sua forma de se apresentar, mas será que têm sido capazes de mudar os hábitos do público em relação aos museus? De romper com o círculo restrito de acesso de determinados grupos sociais?

O fato é que, naquela tarde quente de janeiro presenciei um CCBB lotado por um público composto por famílias, jovens e adultos circulando, interagindo com instalações ou simplesmente sentados no chão em grupos conversando. Todos vivenciando sentimentos e sensações que poderão fazê-los voltar em busca de novas experiências.

Minha visita ao Instituto Moreira Salles

Monique Gewerc

No dia 27/09/2021, pela primeira vez desde o início da pandemia pela Covid-19, voltei à uma instituição cultural. Escolhi o Instituto Moreira Salles, situado na Gávea, por ser próximo à minha casa e por ter sido uma das instituições que fazem parte da minha pesquisa de doutorado. Estava ansiosa pela oportunidade. Nem sei se é a palavra mais adequada. Ando com vontade de abraçar o mundo de uma vez. De fazer tudo, aqui e agora. Desde que o avanço da vacinação e a conseqüente redução do número de casos e óbitos pela Covid-19 possibilitou um retorno gradual à normalidade, sinto um desassossego no peito me apressando a provar e experienciar muitas coisas, principalmente abraços apertados. Mas isso é outra história...

Aliás, tenho me perguntado o que é normal atualmente. E o que de tudo isso permanecerá depois que a pandemia passar. Por exemplo: para entrar no IMS (como em todos os museus e centros culturais) foi preciso fazer uma reserva com hora marcada pela internet. E quem não tem internet? E se pegar engarrafamento no caminho e atrasar? E se quiser ficar a tarde inteira? Explicam no site que estão trabalhando com capacidade reduzida de visitantes para possibilitar o distanciamento necessário.

Chegando lá mediram minha temperatura, passei álcool nas mãos, pediram para não tirar a máscara, cobraram o passaporte da vacinação, confirmaram a reserva e, ufa! consegui entrar. O número de visitantes por sala de exposição era controlado (no máximo 4) e vários funcionários do Instituto zelavam pela manutenção dos protocolos de segurança (parece que estou falando de uma usina nuclear). Aliás, preciso dizer que todos os funcionários, sem

exceção, foram muito solícitos, pacientes e simpáticos. Parecia que também estavam felizes em novamente acolher os visitantes.

Uma vez dentro da Casa, foi só emoção, curiosidade e prazer. Estava esperando/desejando esse reencontro com a arte. O acervo do IMS é principalmente fotográfico, embora inclua literatura, música, iconografia, entre outros. A exposição em cartaz era de Peter Scheyer, um fotógrafo alemão que viveu no Brasil entre 1940 e 1975 e trabalhou na revista *Cruzeiro*.

Em função do controle do número de visitantes em cada sala, me indicaram começar pela sala 3. Sempre gostei de fotografias de gente. Prezo os álbuns de família e, mesmo em tempos de digitalização, ainda imprimo fotos e monto álbuns. Acredito que o papel dura mais e tem uma aura que uma tela não consegue transmitir. A fotografia é uma expressão artística que descobri justamente ali no IMS há alguns anos atrás. Fico comovida com os olhares, imagino as histórias e às vezes até crio algumas histórias para as pessoas retratadas. Sobretudo crio um cenário, um tempo, um recorte da sociedade historicamente situada pelas pistas que a foto mostra. E isso amplia meu mundo interno, me conecta com pessoas que não conheci, me transporta momentaneamente para um outro lugar e outro tempo.

Esta busca de conexão com o sujeito retratado é mencionada por Benjamin (2012), em seu artigo *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. O filósofo lamenta a perda da aura das obras de arte, a diminuição de seu valor de culto. Ao mencionar a fotografia faz uma ressalva:

Mas o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Antes, ele habita uma última trincheira: o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refúgio derradeiro do valor de culto foi o culto da rememoração, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. Nas antigas fotos, a aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto humano. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável. (BENJAMIN, 2012, p. 188).

As fotos de Peter Scheier expostas datam da década de 1950 e retratam parte do processo de modernização do Brasil, com seus contrastes e ambiguidades. Captam um ideário da época (sim, fotografias captam ideias!) e as fotos jornalísticas para a Revista Cruzeiro evidenciam os padrões de valor adotados pela classe média branca, maioria leitora do periódico. Também estavam expostos os registros do nascimento do MASP (Museu de Artes de São Paulo) e a Bienal de SP, bem como fotos de Israel (Scheier era judeu e chegou ao Brasil fugindo da Alemanha nazista).

Paracatu - MG, 1949.



Foto de Peter Scheier para a reportagem “A cidade do ouro”, O Cruzeiro, ano xxii, n. 4, 12.11.1949. Fotografia sobre papel, gelatina/prata. Acervo Instituto Moreira Salles

A última sala visitada continha uma exposição permanente que descrevia parte da história da Casa. Além dos textos, exibia uma maquete que permitia perceber o quanto os jardins de Burle Marx, renomado paisagista brasileiro, foram integrados à arquitetura modernista do imóvel. Mesmo com a maquete, tive dificuldades em perceber aquele espaço como uma residência familiar. Não conseguia imaginar onde ficariam os quartos, a cozinha etc. Compartilhei esta observação com a funcionária Rosana que, muito solícitamente e com visível prazer, me levou

para um novo percurso pelas salas de exposição, desta vez explicando como os cômodos eram dispostos. Foi uma visita reveladora, mostrando portas ocultas que davam para os banheiros dos quartos e como hoje esses banheiros estavam disponíveis para o público com entrada pelo corredor. Indicou o gabinete de trabalho do diplomata, antigo proprietário, os terraços onde aconteciam as recepções, a cozinha onde hoje funciona um restaurante, a sala de estar e onde a família fazia suas refeições.

A mediação me permitiu enxergar a casa com outros olhos, “ver” pessoas transitando, uma família convivendo, festas acontecendo. A cada vez que vou a um espaço cultural dou mais valor ao trabalho do mediador, aquele que ajuda a construir pontes para os olhos. Em tempos de viver remotamente, a mediação também pode ser realizada online. Pude comprovar sua validade no momento em que comecei a escrever este texto.

A ida ao IMS foi decidida de supetão. Era um domingo de sol e tínhamos planejado viajar naquela manhã. Meu marido acordou resfriado e os planos foram cancelados. A ideia de ir ao Instituto surgiu e, sem pensar muito, fizemos a reserva. Não estava nem ciente da exposição em cartaz. Depois da visita, ao sentar para escrever este texto, entrei no site do IMS e vi quantas coisas sobre a exposição estavam ditas, explicadas, contextualizadas. A história de vida do fotógrafo, a organização e o critério adotado para a exposição e mesmo um vídeo de uma visita guiada (o termo é usado propositalmente porque não é possível haver visita mediada se não há diálogo com o visitante) com a curadora. A visita guiada online trouxe vários aspectos que sozinha não pude captar. Um deles foi a importância das revistas ilustradas que traziam reportagens sobre lugares do Brasil desconhecidos dos habitantes das metrópoles em um tempo em que não havia televisão nas casas dos brasileiros. Somente esta informação teria modificado minha forma de olhar para as fotos expostas.

Nesse sentido, gostaria de fazer um parêntese para a seguinte pergunta: para que ir ao centro cultural se a exposição está na tela à minha frente, sem precisar sair de casa? Este é um

questionamento que precisaremos todos fazer no pós-pandemia. O que nos leva a um museu, espetáculo de música, dança, teatral? O que diferencia a experiência *in loco* da virtual?

Entre o material que constava no site, a carta da filha do fotógrafo sobre o que sentiu ao visitar a exposição em sua estreia me chamou a atenção e me comoveu. Segue abaixo um trecho da carta.

Descobri, transformada de menina filha em adulta, por acaso filha de Peter Scheier: O Respeito. Respeito que nunca percebi ser o sentimento que lhe devia em vida, e isso deve tê-lo machucado. Hoje, dia 25, imagino que deve ter sofrido a falta do meu respeito. No IMS ele foi dignamente respeitado e reconhecido.

Respeito, hoje, mais do que nunca, significa educação emocional, percepção avançada, sensibilidade e, ao menos, um bom verniz de cultura.

Provavelmente era o que ele esperava de nós filhos. Desculpa, pai!

Fonte: <https://ims.com.br/2020/02/18/reencontro-com-o-desconhecido/>
Acesso em: 27/09/2021

Lembrei-me de Benjamin (2012, p. 242) quando afirma que a representação do passado traz consigo um índice secreto, que o impele à da redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram?¹

A carta indica que a narrativa da exposição permitiu que uma filha revisitasse a relação com seu pai e ressignificasse seus sentimentos, confirmando o conceito benjaminiano de que história não é um compêndio linear de fatos, mas um acúmulo de agora que, colocados em uma perspectiva crítica podem ser modificados, mudando assim o curso da própria história.

A mediação através do conteúdo do site me fez perceber que poderia ter aproveitado muito melhor a visita se tivesse algumas informações prévias. Teria talvez olhado com mais interesse para certos aspectos. Entretanto também é interessante fazer o caminho inverso: deixar-se surpreender pelas obras, mesmo sem muita compreensão e depois buscar as informações que enriquecem as

¹ BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012

impressões captadas durante a visita. De qualquer forma, estar em contato com obras que testemunham o olhar do *Outro* sobre a história atravessado pela subjetividade do artista - sejam fotos, pinturas, músicas, esculturas ou literatura - me ajuda a compreender um pouco mais o mundo em que vivo e, sobretudo, meu papel nele. Não vejo a hora de voltar!

“Vaivém” na primeira infância

Patricia Regina S. Garcia

Que a importância de uma coisa não se mede com
fita métrica nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(BARROS, 2006).¹

Verão do Rio de Janeiro, no final do mês de janeiro de 2020, um grupo de mães com crianças da primeira infância, do qual faço parte, resolveu fazer uma visita ao Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), localizado na área central da cidade. A proposta era visitar a exposição *Egito Antigo*, que já tinha conhecido, em outro momento, com um grupo de professores do trabalho.

No CCBB, encontramos uma fila gigantesca e impossível de aguardar com seis crianças pequenas, na faixa dos cinco anos de idade, acompanhadas por uma de nove anos e uma de dois anos. Nesse momento, percebemos a existência de outra exposição, no mesmo local, denominada “*Vaivém*”. Composta por 350 obras de 141 artistas, entre eles 32 indígenas, a exposição relaciona a utilização de redes de dormir na construção da identidade brasileira. As redes sempre estiveram presentes em nossa história, desde os nativos ameríndios.

¹ BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas. A Segunda Infância**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2006.



Foto: Sylvia Leite

Foi interessante perceber no espaço expositivo ao percorrê-lo, obras de diferentes artistas com abordagens distintas, como instalação, pinturas, gravuras, esculturas, fotografias, vídeos, cerâmicas, entre outras, entrelaçando a história das redes.



Fotos: Patricia Regina, 2020.

As crianças logo se familiarizaram com o assunto que trazia algo do seu cotidiano. Percorremos os espaços e, em grupos, ficavam mais animadas, mas logo cruzamos com seguranças, que estranharam crianças tão pequenas no local e começaram a sinalizar que elas não poderiam tocar em nada. Elas se entreolharam com o aviso e retornaram às descobertas, observando

cada ambiente da exposição. O anseio por novas aprendizagens as conduzia pelos corredores e pelas salas. Quando uma ficava para trás, logo surgiam outras para chamá-la, proporcionando um verdadeiro “vaivém”, que tanto representa também os movimentos da primeira infância.

Entre idas e vindas de diferentes salas expositivas, uma corridinha inesperada fez o segurança do local se manifestar de forma proibitiva, nos advertindo novamente. A postura repreensiva tradicional é algo recorrente nesse local para movimentos que fujam à contemplação, conforme observei em outras visitas.

Continuamos o percurso pelos espaços com as pequenas visitantes, mas, em alguns momentos, era necessário colocá-las no colo de modo a possibilitar a observação das vitrines e obras dispostas na altura que atendia a contemplação de adultos, demonstrando claramente que o público infantil não foi pensado com suas especificidades como visitante. A partir deste fato, algumas questões reverberaram sobre o acesso cultural proporcionado pelos espaços expositivos.

A percepção das mães, que perceberam a real necessidade da criança, foi o elemento que possibilitou o acesso completo à visita com a visualização dos objetos expositivos para as pequenas visitantes, que compartilhavam informações a cada descoberta e convidavam para que todas observassem juntas, surgindo muitas hipóteses nesses diálogos. Essa interação gerada entre o grupo demonstra a experiência do encantamento e prazer, descritas por Carvalho e Lopes (2016, p. 7)²:

Oferecer uma experiência de encantamento e prazer provoca o vibrar em comum, que nem sempre acontece em silêncio. Na verdade, o compartilhamento das emoções, das dúvidas, das descobertas e dos estranhamentos é uma especificidade desse público. As crianças desejam olhar de perto as obras, descobrir ou ver aquilo que seu colega viu, e isso gera

² CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul. /set. 2016.

rumores, gargalhadas, expressões e manifestações de sentimentos em tons altos. Reprimir essas manifestações é também reprimir a infância nos museus.

É preciso compreender que, nesse período da infância das pequenas visitantes, a percepção da proposta ocorre pelos estímulos gerados no espaço e nos objetos, aguçada pela sensibilidade a cada experiência visual ou auditiva. Ao percorrermos os diferentes espaços da exposição, muitas sensações foram proporcionadas, principalmente nas últimas etapas do percurso, no térreo. Entramos em uma sala mais escura e com redes penduradas, cuja proposta me remeteu a um labirinto, pois deveríamos percorrê-la, sem esbarrar em nada, até a saída. Assim, mergulhamos na proposta com um pouco de estranhamento e curiosidade, mas sempre atentas às orientações. O ambiente era escuro, iluminado por uma luz azulada e continha várias redes de fibra de tecido penduradas no teto, em uma sala fechada. Ao sairmos do espaço, procuramos saber um pouco mais sobre a proposta e logo descobrimos que representavam espíritos dos povos originários indígenas já falecidos.



Foto: CCBB/Divulgação

Na última etapa, encontramos uma grande obra interativa do “Opavivará!”, composta por várias redes coloridas interligadas, que poderiam ser usadas em grupos. Como estavam unidas, subia-se por um lado delas, posicionando-se para balançá-las, coletivamente, e fazer soar um barulho que remetia ao som da chuva. Este era gerado por tampinhas de garrafas PET, furadas e unidas por cordas, penduradas nas pontas das redes como grandes chocalhos. Para finalizar, rolava-se de uma rede para outra até o final. As crianças ficaram extasiadas com a experiência realizada de forma coletiva e, entre conversas e muitos risos, conectavam-se no balanço das redes. Concluir o experimento demandou um longo processo de convencimento, porque elas não queriam que terminasse. A obra foi denominada Rede Social, por ser, de fato, compartilhada por todos, proporcionando a interação real. Como era de se esperar, essa experiência trouxe para o grupo a marca que ficou registrada após tudo o que viram e sentiram. Cabe destacar que as sensações geradas na infância são muito importantes e nos acompanham por toda a vida, segundo afirmam Carvalho e Lopes (2016, p. 3):

As sensações de encantamento, estranhamento, espanto e curiosidade que sentimos diante das novidades e descobertas proporcionadas pelas experiências são condições favoráveis para despertar a imaginação. Essas sensações nos acompanham ao longo de toda a vida, mas a maior intensidade com que ocorrem se apresenta como uma especificidade de apreensão do mundo na infância. As novidades que provocam intensas emoções, arrebatadoras do olhar infantil, estimulam a imaginação e a fruição.

É interessante perceber como as crianças entendem os diferentes espaços e as propostas culturais que são ofertadas de forma sensível e atenta. Por mais que estejam agitadas, estão sempre marcadas pela experiência estética, ainda mais quando acontece de forma coletiva, pois possibilita reelaborar e compartilhar emoções com o grupo envolvido.



Foto: CCBB/Divulgação.

Visita finalizada e nem imaginávamos o quanto essa seria a última experiência presencial a uma exposição no ano em que tivemos o início da pandemia de COVID-19. Ainda na exposição, as duas últimas experiências nas obras interativas ficaram registradas e simbolizaram o período seguinte no corrente ano. Cada rede simbolizando os milhares de espírito dos povos originários por tantos outros povos de diferentes nacionalidades e etnias. E a resignificação do uso das redes sociais, que nos aproximaram e foram excessivamente utilizadas, nem sempre por prazer, mas por necessidades laborais e de aprendizagem. Nunca ansiamos tanto para que o “Vaivém” das redes físicas e coletivas retornasse às nossas vidas, após a pandemia, para boas experiências sensíveis e alegres.

Não deixe de ir ao museu!

Perola Domingues

Estava no primeiro ano do Mestrado em Educação na PUC/Rio, em agosto de 2017, quando ingressei no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI¹). O GPEMCI é um grupo de estudos e pesquisa criado em 2010 com o objetivo de investigar questões relativas aos espaços museais e suas estratégias educativas para o público, principalmente para o público infantil. Em discussões realizadas com os integrantes do grupo, destaca-se a importância dos museus para a sociedade e do direito de acesso e permanência das crianças em diferentes espaços culturais, compreendendo-as como seres históricos e culturais que são e respeitando-as em suas especificidades.

Naquele momento, passei a refletir sobre as visitas que realizei a espaços culturais. Durante a infância morava na cidade de Maricá (RJ) e não recorro da presença de tais espaços na região, assim como, não tinha o hábito de frequentá-los. Quando comecei a residir na cidade do Rio de Janeiro (RJ), lembro de visitas a museus em passeios escolares, como o Planetário, porém, essas experiências ocorreram em poucos momentos da minha trajetória escolar e de vida. Na adolescência, ainda não compreendia com clareza a importância de locais destinados à arte e à cultura na sociedade. Observava que o hábito de frequentar instituições culturais fornecia um “status social” considerado como privilegiado para muitas pessoas do círculo social que convivia. Era comum escutar que alguém era “culto” pois frequentava museus e vivenciava experiências relacionadas à arte. Atualmente, questiono: como se desperta o desejo em frequentar os espaços de cultura da cidade?

¹ O GPEMCI é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Rio e é coordenado pela Profa. Cristina Carvalho.

É possível observar que o interesse em frequentar museus é acionado, muitas vezes, por meio da apresentação desses lugares por familiares, amigos ou profissionais da escola. Entretanto, lanço algumas reflexões: será que todas as famílias e professores têm o hábito de frequentar museus? As instituições culturais proporcionam o sentimento de pertencimento para todos os sujeitos da cidade? Carvalho (2009, p. 136) argumenta que é “preciso questionar se as ações oferecidas não têm contemplado apenas um público idealizado, se o conceito de cultura que perpassa as atividades não se mostra elitista e excludente (...)”.

Não são todas as famílias que terão a oportunidade de levar seus filhos aos museus e centros culturais, há indivíduos que somente os acessam por meio de visitas realizadas com a escola. A ampliação de parcerias entre escolas e instituições culturais pode contribuir com uma formação humana, estética e cultural para os sujeitos que a vivenciam durante seus percursos formativos. Entretanto, na pesquisa realizada por Carvalho (2009, p. 133), a autora “ratificou a falta de diálogo e a inexistência de articulação entre essas instituições já destacadas por outros estudos”. Os dados apresentados demonstram a necessidade de intensificar a discussão sobre os bens culturais com as diferentes classes sociais da sociedade, possibilitando sentimentos de representação e pertencimento do público a esses espaços.

No meio do caminho tinha uma pandemia! No mês de agosto de 2020, a população mundial estava em meio à pandemia de Covid-19, com medidas de isolamento social para evitar a rápida disseminação do vírus que estava em circulação. Impedida de frequentar espaços culturais pois estavam fechados para evitar aglomerações, despertou em mim um sentimento de saudade desse contato presencial com a arte e a cultura. A casa se transformou no principal espaço de existência e passamos a nos transportar para os lugares que gostaríamos por meio da imaginação ou virtualmente, com gotas de saudade de pessoas e lugares. Os encontros, as festividades e os abraços foram adiados, mas, com o tempo, a pandemia trouxe um “novo normal”, bem distante da normalidade, com afastamentos,

álcool em gel, máscaras e insegurança. Iniciou-se a preparação de diferentes lugares para a reabertura e, ao observar esse movimento, surgiram dúvidas de como seria a experiência de visita a museus com os protocolos de segurança.

Em um belo dia ensolarado, um pensamento surgiu à mente de que, naquele momento, gostaria de ter uma máquina do tempo com o objetivo de me transportar para todos os museus que eu já tinha visitado. O sentimento de saudade das experiências vivenciadas nos espaços museais, transportou-me, mas por meio de memórias. A arte estava mostrando a sua força como uma das maneiras de enfrentar os impactos do isolamento social durante a pandemia. Os dias eram mais solitários, a falta dos encontros era um sentimento significativo. Inicialmente, poucas memórias vieram à tona, senti que havia frequentado poucos espaços museais ou não lembrava com clareza das visitas realizadas. Junto às memórias, surgiram reflexões sobre o proveito pessoal das experiências vivenciadas em espaços culturais. Afinal, como essas visitas ocorrem na dinâmica de vida das grandes cidades? Como ocorrem essas experiências? De acordo com Lopes (2019, p. 27):

(...) toda vez que se passa por uma experiência, ocorre uma modificação do sujeito. Essa modificação vai além da aquisição de uma facilidade ou habilidade maiores, é formada por atitudes e interesses que constituem um repertório de significados de coisas feitas e sofridas. Esses significados, acumulados e agrupados, compõem o capital com o qual se observa, cuida, atenta e age diante do mundo.

Em 2019, visitei espaços culturais na cidade de São Paulo, momento em que estava hospedada no local realizando uma formação pedagógica e achei relevante visitar museus e centros culturais da cidade, pensando, naquele momento, em aprimorar o meu percurso formativo. O primeiro local visitado foi a *Japan House*, localizado na Avenida Paulista (Bela Vista). Ainda tenho a lembrança das linhas vermelhas presas ao teto e do efeito que elas causavam em um grande espelho, logo no primeiro andar. A instalação “Linha Interna”, produzida pela artista Chiharu Shiota,

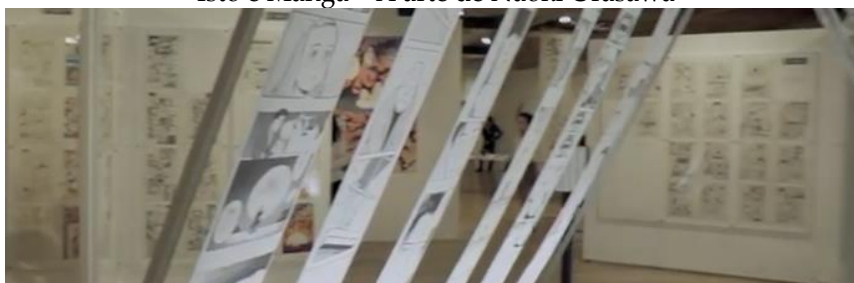
foi inspirada em uma lenda japonesa sobre uma linha vermelha invisível que sai do corpo e conecta os seres humanos. No segundo andar, havia a exposição “Isto é Mangá – A arte de Naoki Urasawa”, apresentando ilustrações e mangás do artista japonês. O universo em que estive imersa naquele momento, para mim desconhecido, envolveu-me com os detalhes das ilustrações, temáticas expostas e o trabalho de curadoria da exposição. Recentemente, havia ganhado uma história em quadrinhos de uma família da turma em que lecionava, mas ainda não havia folheado o livro, a visita foi crucial para incentivar o contato com esse estilo de texto.

Instalação Linha Interna



Japan House

Isto é Mangá – A arte de Naoki Urasawa



Japan House

Seguindo o percurso, encontrei o Espaço Itaú Cultural e resolvi entrar. Recordei de uma discussão realizada em uma das reuniões do GEPEMCI sobre os materiais educativos disponibilizados por

espaços culturais referentes às exposições e tentei localizá-los. Os materiais apresentavam imagens artísticas valorosas e guardei para mostrar para as crianças da turma em que atuo como professora. Após, me deparei com uma sala com telas que transmitiam gravações de histórias de vida de sujeitos, dirigidas pelo artista Eduardo Coutinho. As narrativas eram emocionantes! A exposição apresentou a trajetória do cineasta Eduardo Coutinho, sua obra e seu processo de criação, disponibilizando material audiovisual, objetos e documentos no intuito de proporcionar ao público da visita maior conhecimento sobre o artista.

Ao subir as escadas, encontrei uma parede com desenhos de plantas e animais, que despertavam sorrisos e a sensação de orgulho pela diversidade da flora e fauna brasileira. Mais à frente, a exposição contava histórias de força e resistência dos povos originários na defesa de preservar a cultura e suas tradições diante de tantas adversidades enfrentadas ao longo da história. Quando percebi, estava sendo transportada para a exposição “História das Mulheres” apresentada no Museu de Arte de São Paulo (MASP), prestigiando obras produzidas por mulheres. Naquele dia, transitei por diferentes riquezas artísticas e culturais da nossa história.

Busquei também resgatar as experiências culturais vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro enquanto professora de Educação Infantil, ao acreditar na potência do encontro das crianças com o patrimônio histórico-cultural da humanidade. Lembrei dos passeios realizados à Biblioteca Machado de Assis e à Biblioteca Parque, ao Museu da República, dos piqueniques no jardim da Fundação Casa de Rui Barbosa, da interação das crianças com os animais e a natureza no Parque Guinle e das exposições na Caixa Cultural que suscitaram tanta curiosidade dos pequenos. Carvalho (2011, p. 17) argumenta que “as crianças pequenas merecem sim um atendimento e um reconhecimento de que são capazes de frequentar esses espaços, de que têm o direito a – enquanto sujeitos e cidadãos –, de que possuem especificidades que precisam ser atendidas e reconhecidas”.

Para além do universo infantil, os pensamentos foram se focando nas visitas realizadas ao Espaço Oi Futuro (RJ) e ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ). No CCBB tive a possibilidade de assistir peças teatrais e filmes por um valor aquisitivo mais acessível do que em outros locais, como salas de cinema e teatro. No Espaço Oi Futuro, lembro de uma visita a duas salas com projeções no chão e nas paredes. Na primeira sala, os sons deslocavam o público para uma experiência de imersão em um ambiente de praia, com imagens e sons de ondas do mar. Na segunda sala, a floresta era o grande cenário, onde era possível ouvir o som de folhas, animais e outros elementos da natureza, despertando sentimentos como a alegria em enfrentar uma aventura e o medo dos sons emitidos no ambiente. Consegui me sentir conectada com a natureza, mesmo sem tocá-la!

Quantos sentimentos a arte pode nos despertar! Na visita à uma exposição sobre acessibilidade na Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entrei em um espaço escuro que simulava um transporte público, vivenciando uma proposta que simulava a imersão do público no dia a dia da pessoa com deficiência visual. Rapidamente fiquei nervosa, porém, sensorialmente envolvida e incentivada a utilizar outros sentidos além da visão. A exposição tinha como objetivo proporcionar aos participantes reflexões sobre acessibilidade e inclusão no espaço urbano.

A arte nos provoca, não é? Senti raiva com a observação da exposição sobre a ditadura militar brasileira na sede do Arquivo Nacional localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, ou ainda, senti dor na visita realizada no Museu dos Andes no Uruguai ao conhecer a história dos jovens que sofreram um acidente de avião e não conseguiram resgate. Como pude pensar que não tinha vivenciado experiências nos espaços museais? Por que precisei da escrita para organizar as memórias? Buscarei compreender!

Exposição Cidade Acessível



Casa da Ciência da UFRJ

Nesse percurso de sentimentos despertados sobre os encontros e desencontros pessoais com a arte, compreendi que os diferentes espaços culturais visitados me proporcionaram sentimentos diversos, como alegria, medo, curiosidade, contemplação e até incômodo, e é a arte cumprindo a sua função. Lembrei que fazia tanto tempo que não visitava o Planetário que não conseguia mais me recordar de seus encantos e que, certa vez, deixei uma visita para “amanhã” e, quando percebi, não conhecia o Museu do Amanhã.

“Nada como um dia após o outro”! Os espaços começaram a reabrir com medidas de segurança e fiquei curiosa para saber como estavam funcionando. Procurei as informações no site do Museu do Amanhã e percebi que as visitas estavam sendo realizadas por meio do agendamento no próprio site. Na data agendada, foi possível percorrer uma nova experiência, desafiadora em meio à uma pandemia, porém, estava ansiosa para o passeio.

No Museu do Amanhã pude vivenciar e conhecer as adequações realizadas e exigidas por esse espaço museal diante do “novo normal”. A entrada só estava sendo permitida para quem havia realizado o agendamento prévio e era necessário utilizar

máscara, bem como higienizar os sapatos e as mãos na entrada do local. Filas foram encontradas na área externa das salas de exposição diante da limitação do número de participantes dentro das mesmas e os pisos contavam com sinalização indicando onde cada pessoa poderia permanecer para garantir um espaço seguro de distanciamento entre os visitantes. Quando um grupo desocupava um espaço, funcionários cuidavam da higienização dos objetos para que outros visitantes que aguardavam pudessem utilizá-lo. Além da adaptação às medidas de segurança, foi interessante lidar com todas as informações apresentadas pelo museu, com informações sobre a origem do universo, questões referentes à preservação ambiental e projeções futuras da humanidade. O percurso da exposição principal proporcionou interações com jogos, exposições e informações que podiam ser consultadas por meio de um cartão magnético individual, recebido ao ingressar no espaço visitado.

Em 2021, o isolamento continuou a fazer parte da rotina de muitas pessoas, inclusive da minha. Como professora de crianças pequenas de dois e três anos de idade, mantive o compromisso do envolvimento dos pequenos com as criações artísticas e o contato com o patrimônio cultural da humanidade. Por meio dos encontros virtuais, pude apresentá-los a diferentes imagens artísticas, levá-los a visitas virtuais, convidá-los a realizar oficinas de artes e exposições em suas casas. Brincamos de recriar obras, exploramos poses, movimentos e outras possibilidades. Em um percurso diferente e divertido, produzimos narrativas, materialidades e cultura.

Exposições apresentadas por crianças em encontro virtual
realizado com a turma



Por fim, finalizo esse relato de experiências museais com o pedido para que o leitor deste texto busque ocupar esses espaços que, por muitas vezes, senti desconforto em frequentar. Todos temos o direito de nele estar, todos temos o direito à cultura. Diante disso, deixo o convite para um tour virtual caso a leitura ocorra ainda durante a pandemia ou de modo presencial, caso haja segurança para tal. Mas não esqueça, não deixe de ir ao museu!

Referências

CARVALHO, C. Cultura: conceitos aplicados a espaços culturais. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 4, 2009. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009.

CARVALHO, C. Criança menorzinha... ninguém merece! – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia & ROCHA, Eloísa Candal (orgs.). **Educação infantil: enfoques em diálogo**. São Paulo: Papirus, 2013.

LOPES, T. B. **Outras Formas de Conhecer o Mundo: Educação Infantil em Museus de Arte, Ciência e História**. Tese (Doutorado) – PUC-Rio. Rio de Janeiro: 2019.

O Museu da República pelos olhares de uma criança

Valeria Martins

Os museus de história são os meus favoritos. Quando entro num espaço histórico é como se eu me transportasse para outro espaço-tempo. Gosto de olhar os objetos antigos e imaginar como era um tempo que não vivi. Durante esse caminho de encantamento com os museus de história, é recorrente escutar “museu é lugar de coisa velha”. E qual o problema se o museu for mesmo lugar de coisa velha? Trago o velho como o que guarda memória, história e experiência. Depois de quase 2 anos de pandemia da COVID-19, rememoro a visita ao museu de história também como memória de um tempo que não precisava de distanciamento físico e do uso de máscaras faciais.

Era um sábado quente, típico de verão carioca, por acaso, o último sábado antes da pandemia se instaurar no Rio de Janeiro e levei minha prima para conhecer o Palácio da República. As denominações Museu da República, Palácio da República ou Palácio do Catete são variações de um mesmo espaço cultural que abriga parte da história republicana do Brasil. E Ana Júlia, de 7 anos, foi minha companheira nessa jornada. Naquele momento se tratava de um estudo piloto para o campo da pesquisa de mestrado que eu pretendia desenvolver (e que não realizei em virtude da pandemia do COVID-19).

Eu e Ana Julia moramos na Zona Oeste do Rio de Janeiro e o Museu se localiza do outro lado da cidade, na Zona Sul do Rio. Fizemos o trajeto até o Museu da República por meio de um ônibus e metrô. Nesse caminho, fomos papeando, expliquei o que era uma pesquisa, contei sobre a minha pesquisa, falei sobre o museu que estávamos indo e sobre a fotografia como brincadeira para nós duas.

Ao chegarmos no Museu descobrimos que naquele dia a exposição #RetratosRelatos de Panmela Castro estava sendo inaugurada e, por isso, a entrada era gratuita. Pegamos o ticket que garantia nossa entrada, guardamos as bolsas e com a orientação de um segurança iniciamos o percurso no museu. Antes disso, entreguei uma câmera fotográfica nas mãos de Ana Júlia e pedi que fotografasse o que fosse de seu desejo.

Logo na primeira sala que entramos ela olhou ao redor e com encantamento disse: *“Eu vou ficar de boca aberta nesse lugar até eu ir embora”*.

As fotografias que Ana ia tirando, a meu ver, eram sem critério. Até que em dado momento ela aponta para os objetos antes de fotografar e me diz frases como: *“Eu na casa da minha avó”* sobre uma pequena escultura que o ex-presidente Getúlio Vargas está deitado numa rede; *“parece meu irmão”* em relação a uma obra de um menino que não consegui identificar quem representava. Ana fotografava o que era de seu desejo e estabelecia significado com aquilo que fazia eco com sua experiência pessoal.

Imagem 1: "Eu na casa da minha avó"



Imagem 2: "Parece meu irmão"



Em uma outra sala do Palácio, com objetos e textos explicativos, Ana diz: *"Meu Deus, eu não sei como a pessoa consegue ler isso tudo"*, se referindo ao tamanho do texto explicativo da obra. O questionamento da menina reverbera em relação aos vários espaços culturais que já frequentei. E, de antemão, respondo ao leitor: *eu não consigo ler tudo*.

Seguimos para o segundo andar do Museu da República com Ana guiando o nosso percurso, e ela pergunta: *"Pode tocar no corrimão para não cair?"*. Esqueci de contar que na entrada o segurança avisou sobre a proibição de tocar nos objetos do Museu. Ana só queria se sentir mais segura para subir os degraus, avisei que poderia tocar no corrimão e seguimos para o andar seguinte.

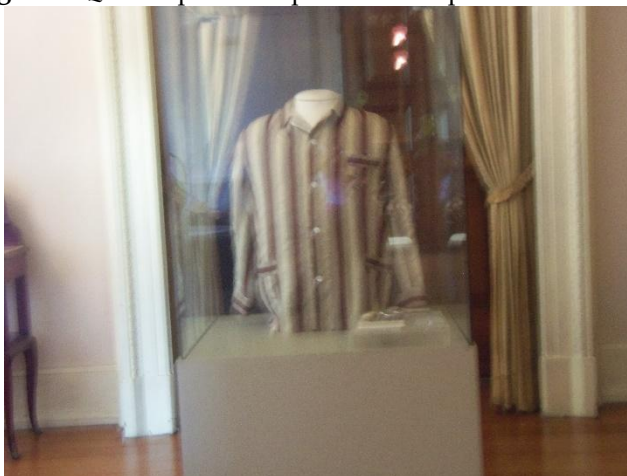
No trajeto pelo Palácio fui fazendo algumas perguntas com o intuito de conhecer a opinião de Ana sobre os objetos e o espaço. Em uma das salas, com muitas cadeiras expostas, perguntei: *"Você acha que essas cadeiras são mais antigas?"*. Ela respondeu: *"Não, pessoas ricas tem isso"*. Em outro momento, ao olhar para o teto da instituição, Ana

questiona: “*Por que meu teto é tão pequeno e o deles é tão alto?*”. Ana Júlia apontava um recorte de classe que estava nítido para ela.

Imagem 3: “*Por que meu teto é tão pequeno e o deles é tão alto?*”.



Imagem 4: Queria que desse pra escrever 'presidente se matou'



Ao chegarmos ao quarto do Palácio que tem exposto o pijama utilizado por Getúlio Vargas em sua morte, Ana falou: “*Que bonitinho*”. Quando chegamos em frente ao pijama contei sobre a história daquela roupa e a primeira reação de Ana foi uma cara de

espanto seguida de dois passos para trás. Depois do susto ela tirou uma foto e disse: *“Queria que desse pra escrever, presidente se matou”*.

No último andar tinha uma exposição sobre musicalidade. Nesse momento Ana Júlia desligou a câmera e falou: *“Isso daqui é chato de tirar foto”*.

Em todo o percurso fomos orientadas pelo itinerário dos seguranças da instituição, que ficavam no início ou final de cada sala e orientavam qual a sala seguinte. No entanto, permiti que Ana Júlia fosse protagonista do percurso e ela caminhava sempre a minha frente. De modo geral ela seguiu as orientações dos seguranças. Mas, ao chegarmos no final da exposição Ana Júlia decidiu voltar fazendo todo o percurso que fizemos, de maneira oposta ao indicado pelos profissionais de segurança, porque achava que tínhamos pulado salas. O interesse dela pelos objetos que via era grande. Com muita animação e empolgação ela dizia: *“só quero ver mais coisas”*; *“não viemos aqui”*, mas, logo se dava conta que havia acabado de estar naquela sala. Ao voltar para o início da exposição se posicionou para fotografar uma obra, mas não conseguiu alcançar e pediu ajuda: *“Alguém tira uma foto pra mim? Tá muito alto, não consigo tirar”*.

Para uma amante de museus de história e estudiosa de crianças pequenas nas instituições culturais, as falas de Ana, em conjunto com as fotografias, sugeriram o que se tem visto nos estudos sobre as crianças no museu: museu como lugar de encantamento a ponto de deixar boquiaberta; museu como espaço enrijecido com textos grandes que ninguém lê tudo; altura de objetos expostos que não contempla as crianças; não pode tocar; e que ela, uma criança de 7 anos sabe e entende sobre aquele espaço quando diz que pessoas ricas tem isso ou que os tetos são distintos da casa dela.

Imagem 5: "Como não vi isso?"



As fotografias e falas de Ana Júlia são críticas ao enrijecimento dos museus, especialmente os museus de história. Não pode tocar, não pode comer, não pode correr, não pode seguir um percurso diferente do estipulado. No lugar repleto do “não pode” as crianças encontram brechas possíveis do que podem para se encantar.

O Palácio do Catete, no momento da escrita do texto encontrava-se fechado para visitas e foi um dos postos de vacinação da Covid-19.

Museus de Instrumentos Musicais

Vitor Carvalho

Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam
(José Saramago)



O nome da instituição refere-se, com certa obviedade, ao tipo de acervo que o museu dispõe. No entanto, um pequeno detalhe não o aproxima do público brasileiro, já que ele fica em Bruxelas, na Bélgica. Porém, mesmo sabendo da distância física, optei por escrever sobre ele. Afinal, um dado

interessante é que, ao ingressar no GEPEMCI passei a observar museus como os músicos observam instrumentos musicais. Por ser músico e apaixonado pela forma como os instrumentos em sua enormidade de variedades são construídos, decidi ressignificar a experiência vivida naquela tarde através desta escrita.

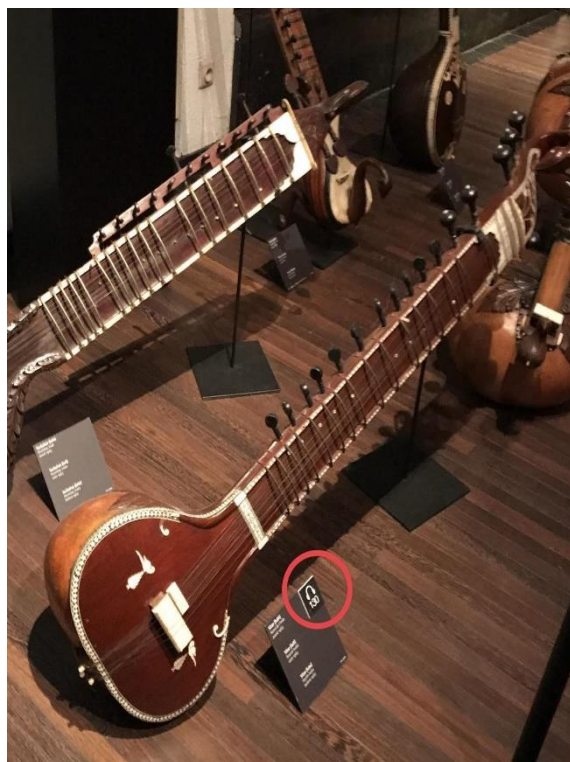
Fazer a visita transformou os vocábulos música e museu em metonímia. Para além da coincidente consoante inicial das três palavras, a exposição proporcionou uma experiência estética na junção de duas paixões. Por isso, achei pertinente a síntese da vivência na brevidade de um texto que, por certo, não dará conta do ocorrido, assim como o museu de instrumentos musicais não dá conta da música.

A instituição fica na *Rue de la Montagne Cour*, número 2, Bruxelas, Bélgica. O local é próximo ao centro histórico da cidade e há muitas possibilidades de se chegar em transporte público: metrô, trem, ônibus, além de uma estação de bicicletas bem em frente.

Vale a pena atravessar a rua e observar a arquitetura do edifício *Old England* no estilo *Art Nouveau* com fachada de ferro e vidro. A visita pode também se configurar em uma experiência arquitetônica. O museu possui quatro andares, além do terraço onde fica um restaurante com vista panorâmica para o centro histórico de Bruxelas.

Antes da pandemia do novo coronavírus (COVID -19), o museu recebia cerca de cento e vinte e cinco mil visitantes anualmente. Minha ida a ele foi em janeiro de 2019, ou seja, anterior à pandemia. O inverno estava rigoroso e havia poucas pessoas no momento em que eu estava lá. Contudo, cabe aqui uma ressalva: pelo o que percebi, durante a visita e em pesquisas pela internet, não se trata de um museu com muito apelo turístico se comparado a outros museus da cidade. Na entrada, existia a opção de se pegar um aparelho parecido com um gravador portátil que, com um fone de ouvido conectado, permite ouvir o som emitido por alguns instrumentos. Para isso, basta digitar o número que aparece numa plaquinha ao lado do instrumento, como é possível observar na foto do sitar¹. Outro aspecto interessante é que, de modo geral, nem

¹ Instrumento musical de origem indiana, que pertence à família do alaúde.



todos os instrumentos do acervo estão relacionados à história da música europeia. Há instrumentos que são pertencentes à tradição iorubá, um dos maiores grupos étnicos da África ocidental e se, pensarmos na história da Bélgica, encontramos uma justificativa pertinente para a presença desses instrumentos no acervo. Foi

estabelecido um período colonial Belga na República Democrática do Congo com a invasão das terras em 1880, que depois, em 1887, foram decretadas como propriedade particular do Rei Leopoldo II. O país africano deixou de pertencer ao rei e passou para a administração do Estado belga de 1908 a 1960, quando conquistou sua independência. Outras regiões de fora da Europa também possuem seus instrumentos representados na exposição permanente, como China, Índia e México. Antes mesmo da pandemia, as visitas guiadas eram grátis e podiam ser agendadas pelo site. Não havia nenhuma especificidade com relação ao atendimento para o público infantil. A disposição do acervo na exposição era em parte de difícil acesso para crianças pequenas, pois algumas peças ficavam em totens com mais de um metro de altura. De fato, não me pareceu uma instituição preparada para receber crianças pequenas. Contudo, é importante reconhecer que,

pelo tipo de acervo e proposta do museu, ele não se torna muito apropriado ao perfil do público infantil.

O edifício do museu é muito bonito e possui uma sala de concerto para duzentas pessoas, espaço para workshops, biblioteca, loja e o já famoso restaurante. Fiz todo o trajeto pelas escadas, subindo devagar e observando os detalhes do prédio que pareceu bastante frequentado apenas para uso do restaurante e não somente por visitantes do museu. A biblioteca estava vazia e, ao que tudo indica, é mais destinada ao uso de pesquisas acadêmicas. A loja não ostentava muitos produtos, estava vazia: vendia chaveiros, canecas, bolsas, postais e muitos livros. Não vendia instrumentos musicais e tampouco réplicas dos que estavam na exposição. Cds de música clássica e livros de partitura possuíam destaque na organização da loja. Para o público infantil, havia apenas livros que contavam a biografia de grandes compositores da música erudita europeia.

Para as pessoas que gostam de música e buscam “desvendar” a história, ou até mesmo descobrir o funcionamento de alguns instrumentos musicais, a visita vale a pena. Para os amantes da gastronomia e arquitetura, a visita também é indicada, posto que o restaurante é reconhecido por sua qualidade e o prédio é uma referência arquitetônica da cidade. É possível acessar o museu pelo site² onde se pode agendar visitas, conhecer o catálogo e a história de alguns instrumentos. Há também o que chamam de trabalho educativo, onde é feita a escolha de um instrumento por mês que fica em destaque com sua história e origem. Contudo, o site está disponível somente em francês, holandês ou inglês.

Para concluir este breve relato, posso dizer que as quatro horas que permaneci no museu foram suficientes. É provável que algumas pessoas, principalmente as que tenham menos vínculo com a música e instrumentos musicais, não levem tanto tempo na visita, ao passo que para um pesquisador ou professor de música essas quatro horas talvez seja insuficiente. Vai depender, como

² <http://www.mim.be>

sempre, da demanda de cada sujeito. Ver, de perto, instrumentos que compõem a história da música na perspectiva como a conheço foi emocionante e fiquei impressionado com os detalhes das construções mais antigas. Saí da exposição entusiasmado para tocar um instrumento, procurei uma loja e lá fiquei, submerso por um tempo, dedilhando violões. Ao sair, lembrei dos versos da música Tigresa de Caetano Veloso: *"E eu corri para o violão num lamento, e a manhã nasceu azul. Como é bom poder tocar um instrumento"*.

Sobre as autoras e os autores

Amanda Santos de Lima – Doutoranda em Educação PUC-Rio. Professora de Educação Infantil do Colégio Pedro II. Email: amandacreircp2@gmail.com

Anamaria Kyrillos Assad Ferreira - Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Graduanda em Pedagogia. Atuando em escola na área da Educação Infantil. Graduada em Direito. Pós-Graduada em Direito Público. Email: aninhakyrillos@gmail.com

Cristina Carvalho - Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação-PUC-Rio. Diretora do Departamento de Educação da PUC-Rio. Coordenadora do Curso de Especialização em Educação Infantil (PUC-Rio). Email: cristinacarvalho@puc-rio.br

Dayane Vieira da Silva - Mestra em Educação pela PUC-Rio. Especialista em Leitura e Produção de Textos (Letras/UFF) e graduada em Pedagogia (UFF). Atualmente é professora coordenadora pedagógica da Prefeitura Municipal de Itaboraí. Email: enayadvieira@yahoo.com.br

Gabriela Campolina - Mestranda em Educação pela PUC-Rio. Formada em Pedagogia pela PUC-Rio. Email: gabicampolinazeredo@gmail.com

Isabel Gomes - Doutoranda em Educação (PUC-Rio). Profissional de museus e pesquisadora na área de Educação Museal, com ênfase

nos temas: mediação humana; formação de educadores museais; estudos de público e avaliação. Email: bebelg@gmail.com

Letícia Vitória - Graduanda em Pedagogia pela PUC-Rio, bolsista de Iniciação Científica no GEPEMCI. O interesse de pesquisa é voltado para a presença de crianças em museus. Email: lelediniz123@gmail.com

Leonardo Minervini - Doutorando em Educação (PUC-Rio). Mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF. Coordenador de Cultura do Polo Educacional Sesc. Email: leo.minervin@gmail.com

Lúisa Andries - Doutoranda em Educação pela PUC-Rio. Mestre em Educação, Especialista em Educação Infantil e Licenciada em Música pela UNIRIO. Graduada em Pedagogia pela UERJ. Atua como professora de Educação Infantil no Colégio Pedro II. Email: luisa.andries@gmail.com

Maria Clara Duarte - Graduada em Pedagogia pela PUC-Rio. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica pelo CEPERJ. Email: mariaclarasbduarte@gmail.com

Monique Gewerc - Doutora em Educação pela PUC-Rio, especialista em educação infantil. Seu interesse de pesquisa se volta para a formação estética e cultural de professores da educação infantil. Email: monique.gl07@yahoo.com.br

Patricia Regina S. Garcia - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/PUC-Rio). Técnica em Assuntos Educacionais no Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SIMAP-UFRJ). Professora da Escola de Formação Paulo Freire da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (EPF/SME-RJ). Email: patriciaregina.ufrj@gmail.com

Perola Domingues - Doutoranda em Educação na PUC/Rio; Mestre em Educação pela PUC/Rio; Especialista em Psicopedagogia Escolar pela UCM; Graduada em Pedagogia pela UNIRIO. Professora de Educação Infantil na Prefeitura do Rio de Janeiro. Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica em uma escola de Fundamental I e II na Prefeitura do Rio de Janeiro. Email: perolagabrieladomingues@gmail.com

Valeria Martins - Mestre em Educação pela PUC-Rio. Professora Substituta do Setor de Educação Infantil do Cap UFRJ. Email: valeriacunha1996@gmail.com

Vitor Carvalho - Pós-Graduado em Educação Infantil pela PUC-Rio. Professor de Fundamental 1. Email: vitorcarvalhoedu@gmail.com

Esta publicação surgiu de um momento muito especial do Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI/PUC-Rio). Em uma das reuniões semanais do Grupo, bem antes da pandemia, trocávamos nossas experiências de visitas a museus, dando risadas, arregalando os olhos, e, de repente, nos perguntamos se a visita a um museu realizada por alguém que pesquisa academicamente esses espaços se dava de modo distinto. E lançamos a pergunta: algum integrante do grupo já tinha escrito sobre sua visita a um museu? Surgiu então a proposta de escrita, de registro de visitas a museus e centros culturais realizadas por integrantes do grupo. A alusão ao livro *Quando a escola vai ao museu*, que publiquei em 2016, se fez presente em nossas reuniões, e a ideia de escrever um livro nosso, já com um título - *Quando o GPEMCI vai ao museu* – foi ganhando corpo. A pandemia adormeceu nosso projeto, assim como inúmeras iniciativas, além de, o que é certamente mais doído, ter ceifado vidas. Mesmo com os museus fechados e todo o contexto adverso, aos poucos fomos retomando o nosso projeto e foi então lançada uma proposta de escrita, livre, sem normas pré-estabelecidas. O resultado é esse: alguns autores relembrou visitas já realizadas e outros dialogaram com o próprio contexto para escrever sobre suas visitas. A produção não cumpre um padrão, apresenta diferentes estilos de escrita, que optamos por manter, indicando, assim, também as distintas maneiras de se viver a experiência de estar em um museu. Esta publicação é, de fato, um momento do Grupo que optamos por partilhar, pois consideramos que este conjunto de textos pode, para além de despertar o desejo de conhecer ou visitar museus, renovar o olhar sobre estas instituições. Esperamos que esta publicação contribua para que se amplie o diálogo entre museus, escolas e universidade. Boa leitura!

Cristina Carvalho

Em seus dez anos de existência, o Grupo de Pesquisa em Educação, Museu, Cultura e Infância (GPEMCI) tem contribuído com pesquisas acerca da recepção do público, em especial o infantil, em Museus e Centros Culturais. Em “Quando o GPEMCI vai o Museu” acompanhamos integrantes do grupo em suas reflexões a partir de visitas museais realizadas em diversos contextos. A leitura dos textos revela impressões de profissionais do campo da Pedagogia permitindo uma aproximação de suas perspectivas enquanto pesquisadoras, mães e, claro, educadoras. Ao adentrar estes relatos temos a oportunidade de perceber as instituições museais de maneira singular, possibilitando pensar aspectos que muitas vezes podem escapar em miradas demasiadamente distanciadas pela academia ou então pelo cotidiano do trabalho nos Museus. A obra proporciona, através de uma leitura prazerosa e sensível, a descoberta de espaços museais e suas múltiplas maneiras de se fazer conhecer.

Maria Emília Tagliari Santos (Instituto Moreira Salles-RJ)

